



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2026/27
1º LEVANTAMENTO

Outubro 2026
volume 14
NÚMERO

1

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Couglan Hilter Sampaio Cardoso

Eledon Pereira de Oliveira

Janaína Maia de Almeida

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Luciana Gomes da Silva

Martha Helena Gama de Macêdo

Pedro Muller Metsavaht Salomão

Equipe técnica da Geote

Candice Mello Romero Santos

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Gabriella de Jesus Teixeira

Lucas Barbosa Fernandes

Lucas Marçal Romeiro Barbosa

Otávio Coscrato Cardoso da Silva

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

Bruno de Souza Machado (Gerpa – algodão e arroz), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Fernando Gomes da Mota (Gefab), Frederico Vaz Sampaio (Gerpa – feijão e milho), Leandro Menegon Corder (Gefab – trigo), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja) e Marco Antônio Garcia Martins Chaves (Gerpa).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2026/27
1º LEVANTAMENTO

Copyright © 2026– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.gov.br/conab
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 14, safra 2026/27, n. 1 primeiro levantamento, outubro 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO	
13	INTRODUÇÃO	
17	ANÁLISE CLIMÁTICA	
24	ANÁLISE DAS CULTURAS	
24	ALGODÃO	
29	ARROZ	
37	FEIJÃO	
58	MILHO	
70	SOJA	
81	TRIGO	
88	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO	
93	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO	
104	APÊNDICE - VAZIO SANITÁRIO	



RESUMO EXECUTIVO

A primeira estimativa, para a safra de grãos 2026/27, indica mais um crescimento da agricultura brasileira. Para a área plantada, a previsão indica um aumento de 2,3% em relação à safra anterior, alcançando 85,4 milhões de hectares.

Vale destacar que, devido à vasta extensão territorial e à diversidade climática do Brasil, o calendário agrícola contempla três safras em períodos distintos, além das culturas de inverno, a saber:

- Primeira safra - a semeadura ocorre entre o final de agosto e dezembro;
- Segunda safra - os plantios são realizados entre janeiro e meados de abril;
- Terceira safra e culturas de inverno - os plantios têm início entre abril e junho.

Em relação à produção, a primeira estimativa indica um volume de 367,1 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 1,4%, equivalente a 4,9 milhões de toneladas, em comparação com a safra anterior. No início de outubro, as áreas destinadas ao cultivo da primeira safra estão sendo preparadas, e os plantios em fase inicial.



Nesse contexto, diante das incertezas quanto à área que será efetivamente semeada e à produtividade a ser alcançada, este primeiro levantamento utiliza, no cálculo das estimativas, modelos estatísticos e climáticos, informações de sensoriamento remoto, análises de mercado e dados provenientes de levantamentos de campo.

As estimativas serão revisadas e atualizadas ao longo dos próximos levantamentos, à medida que novas informações forem incorporadas, permitindo o acompanhamento da evolução do plantio e das perspectivas de produção da safra 2026/27.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

**Algodão**

Para a safra 2026/27, a primeira previsão indica crescimento de 3,7% na área a ser semeada, para um total de 2,1 milhões de hectares, e produção total de caroço e pluma em 10,1 milhões de toneladas, correspondendo a 4,2 milhões de toneladas de pluma. Plantio não iniciado.

**Arroz**

A primeira estimativa indica a área em 1,5 milhão de hectares, crescimento de 0,8% sobre a safra anterior, e previsão de produção em 10,8 milhões de toneladas, 2,9% abaixo da safra 2025/26. Os produtores intensificam os trabalhos de preparo do solo, com o plantio em andamento, somando 19,7% no início de outubro.

Nesta safra, a área da cultura irrigada apresenta redução de 0,4%, estimada em 1,26 milhão de hectares, e a de sequeiro, com crescimento de 7,1%, estimada em 270,9 mil hectares.



Feijão

O crescimento de 1,9% na área a ser semeada, estimada em 808,2 mil hectares, para uma produção de 963,1 mil toneladas. A produção total de feijão no país, somando-se as três safras, está estimada em 2,93 milhões de toneladas, 0,7% abaixo da safra anterior.

Plantio em andamento no país, com 13,1% concluído em 2 de outubro. Na Região Sudeste, com 100% da área semeada em São Paulo e 0,5% em Minas Gerais. Na região Sul, no Paraná, o plantio somava 39%, no Rio Grande do Sul, 36%, e em Santa Catarina, 6,4%. Nos demais estados, a semeadura ainda não foi iniciada.



Milho

Somando as três safras, a produção está estimada em 148 milhões de toneladas, 2,4% acima da safra anterior. Para a primeira safra, prevê-se um crescimento de 10,7% na área cultivada, estimada em 4,5 milhões de hectares, com previsão de se colher 32,1 milhões de toneladas.

Plantio em andamento no país, com 30,8% concluído em 2 de outubro. No Rio Grande do Sul, onde a semeadura tem início a partir do final de agosto, em 2 de outubro somava 78% da área concluída, 72% no Paraná, 65% em Santa Catarina e 1% em Minas Gerais. Nos demais estados, o plantio ainda não foi iniciado.

Para a segunda safra, é previsto um crescimento de 3,7% na área, estimada em 18,5 milhões de hectares, e uma produção de 113,3 milhões de toneladas e, para a terceira safra, crescimento de 0,4% na área, estimada em 677,9 mil hectares e a produção



em 2,7 milhões de toneladas. Os plantios da segunda e terceira safras têm início a partir de janeiro, estendendo-se até junho.



Soja

Crescimento de 1,4% na área a ser semeada, estimada em 49,3 milhões de hectares, e produção com previsão de 181,6 milhões de toneladas, 0,7% superior à safra anterior. A semeadura, em âmbito nacional, em 2 de outubro somava 9,4%, contra 8,8% na média dos cinco últimos anos. Nos maiores estados produtores de soja do país, Mato Grosso e Paraná, na mesma data, contavam com 14,4% e 28,5%, respectivamente, da área semeada.



Trigo

A safra 2026 ainda está sendo colhida. A previsão aponta para uma produção de 5,7 milhões de toneladas, 27,2% abaixo da safra 2026. As lavouras se encontram em diversos estádios, desde o desenvolvimento vegetativo à colheita, que está prevista para finalizar em dezembro, mas já está concluída em Goiás, Mato Grosso do Sul e em Minas Gerais.



Apêndice Revisão da Produtividade da Soja

Neste período de início de um novo ano-safra, há um tópico importante e que também será abordado no presente boletim, que é o estabelecimento de vazio sanitário, para algumas culturas (em particular a soja, o algodão e o feijão), representando adoção de medidas de controle cultural e legislativo, que objetivam manter a sanidade das lavouras, permitindo o alcance máximo do potencial produtivo da planta e mitigando a possibilidade de manter propágulos de patógenos viáveis no campo por meio de hospedeiros temporários. Mais informações sobre o assunto serão discorridas no capítulo em questão.



TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Produto	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.018,4	2.093,0	3,7	2.911	2.817	(3,2)	5.876,2	5.895,6	0,3
ALGODÃO - PLUMA	2.018,4	2.093,0	3,7	2.054	1.986	(3,3)	4.145,3	4.157,5	0,3
AMENDOIM TOTAL	281,9	281,9	-	4.547	4.075	(10,4)	1.281,7	1.148,7	(10,4)
Amendoim 1ª Safra	274,8	274,8	-	4.621	4.137	(10,5)	1.269,7	1.136,6	(10,5)
Amendoim 2ª Safra	7,1	7,1	-	1.700	1.711	0,7	12,0	12,1	0,8
ARROZ	1.516,7	1.529,3	0,8	7.303	7.031	(3,7)	11.076,2	10.752,1	(2,9)
Arroz sequeiro	252,9	270,9	7,1	2.548	2.584	1,4	644,5	700,1	8,6
Arroz irrigado	1.263,8	1.258,4	(0,4)	8.254	7.988	(3,2)	10.431,7	10.052,0	(3,6)
FEIJÃO TOTAL	2.540,4	2.546,1	0,2	1.161	1.151	(0,9)	2.950,0	2.930,2	(0,7)
FEIJÃO 1ª SAFRA	793,0	808,2	1,9	1.228	1.192	(3,0)	973,9	963,1	(1,1)
Cores	333,2	339,1	1,8	1.806	1.759	(2,6)	601,7	596,7	(0,8)
Preto	116,2	122,2	5,2	1.761	1.755	(0,3)	204,6	214,6	4,9
Caupi	343,6	346,9	1,0	488	438	(10,1)	167,5	152,0	(9,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.372,1	1.346,1	(1,9)	955	939	(1,7)	1.309,9	1.263,3	(3,6)
Cores	287,2	290,7	1,2	1.590	1.549	(2,6)	456,9	450,3	(1,4)
Preto	184,5	211,8	14,8	1.435	1.471	2,5	264,7	311,7	17,8
Caupi	900,4	843,6	(6,3)	653	594	(9,0)	588,4	501,5	(14,8)
FEIJÃO 3ª SAFRA	375,3	391,8	4,4	1.775	1.796	1,2	666,2	703,6	5,6
Cores	322,8	337,7	4,6	1.932	1.960	1,5	623,4	661,9	6,2
Preto	14,3	14,7	2,8	1.269	1.120	(11,8)	18,2	16,5	(9,3)
Caupi	38,2	39,4	3,1	645	641	(0,7)	24,7	25,3	2,4
GERGELIM	570,2	570,2	-	598	563	(5,9)	340,9	320,8	(5,9)
GIRASSOL	77,6	77,6	-	1.257	1.243	(1,1)	97,5	96,5	(1,0)
MAMONA	70,7	70,7	-	1.712	1.615	(5,7)	121,1	114,2	(5,6)
MILHO TOTAL	22.600,5	23.704,7	4,9	6.394	6.244	(2,3)	144.499,0	148.015,9	2,4
Milho 1ª Safra	4.100,7	4.540,2	10,7	7.191	7.071	(1,7)	29.487,8	32.102,5	8,9
Milho 2ª Safra	17.824,9	18.486,6	3,7	6.326	6.126	(3,2)	112.769,0	113.254,5	0,4
Milho 3ª Safra	674,9	677,9	0,4	3.322	3.922	18,1	2.242,2	2.658,9	18,6
SOJA	48.608,6	49.305,8	1,4	3.711	3.683	(0,8)	180.406,6	181.616,6	0,7
SORGO	2.169,5	2.215,2	2,1	3.396	3.625	6,7	7.368,7	8.031,0	9,0
SUBTOTAL	80.454,5	82.394,5	2,4	4.400	4.356	(1,0)	354.017,9	358.921,6	1,4
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2026	2027	VAR. %	2026	2027	VAR. %	2026	2027	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	522,9	522,9	-	2.288	2.288	-	1.196,3	1.196,3	-
CANOLA	391,0	391,0	-	1.568	1.568	-	613,2	613,2	-
CENTEIO	3,0	3,0	-	2.000	2.000	-	6,0	6,0	-
CEVADA	153,7	153,7	-	4.120	4.120	-	633,3	633,3	-
TRIGO	1.928,8	1.928,8	-	2.973	2.973	-	5.734,9	5.734,9	-
TRITICALE	11,9	11,9	-	2.924	2.924	-	34,8	34,8	-
SUBTOTAL	3.011,3	3.011,3	-	2.729	2.729	-	8.218,5	8.218,5	-
BRASIL (2)	83.465,8	85.405,8	2,3	4.340	4.299	(0,9)	362.236,4	367.140,1	1,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em outubro/2026.



TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %	Safra 25/26	Safra 26/27	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.276,1	6.628,5	5,6	3.883	3.819	(1,6)	24.372,9	25.317,3	3,9
RR	179,8	196,5	9,3	3.422	3.825	11,8	615,3	751,6	22,2
RO	1.209,4	1.273,3	5,3	4.389	4.337	(1,2)	5.308,2	5.522,2	4,0
AC	72,9	80,8	10,8	3.299	3.361	1,9	240,5	271,6	12,9
AM	34,5	34,0	(1,4)	2.881	2.918	1,3	99,4	99,2	(0,2)
AP	15,3	15,3	-	2.294	2.281	(0,6)	35,1	34,9	(0,6)
PA	2.258,7	2.399,9	6,3	3.695	3.593	(2,8)	8.344,9	8.622,1	3,3
TO	2.505,5	2.628,7	4,9	3.883	3.810	(1,9)	9.729,5	10.015,7	2,9
NORDESTE	10.237,6	10.511,8	2,7	3.311	3.284	(0,8)	33.896,1	34.520,9	1,8
MA	2.323,4	2.446,3	5,3	3.893	3.880	(0,3)	9.045,6	9.492,4	4,9
PI	1.998,7	2.053,6	2,7	3.757	3.578	(4,8)	7.509,3	7.347,7	(2,2)
CE	919,8	898,1	(2,4)	956	962	0,6	879,3	863,9	(1,7)
RN	108,6	105,7	(2,7)	455	450	(1,0)	49,4	47,6	(3,6)
PB	191,3	197,9	3,5	406	483	18,9	77,7	95,6	23,0
PE	366,3	364,5	(0,5)	965	850	(12,0)	353,5	309,7	(12,4)
AL	52,6	58,0	10,3	2.422	3.419	41,2	127,4	198,3	55,7
SE	193,9	194,5	0,3	3.693	5.250	42,2	716,1	1.021,2	42,6
BA	4.083,0	4.193,2	2,7	3.708	3.612	(2,6)	15.137,8	15.144,5	-
CENTRO-OESTE	37.886,0	38.705,5	2,2	4.781	4.695	(1,8)	181.151,4	181.721,0	0,3
MT	22.827,0	23.346,2	2,3	5.060	4.893	(3,3)	115.511,8	114.230,6	(1,1)
MS	6.894,9	7.043,7	2,2	4.551	4.348	(4,5)	31.379,3	30.626,5	(2,4)
GO	7.971,4	8.120,8	1,9	4.179	4.422	5,8	33.314,9	35.911,8	7,8
DF	192,7	194,8	1,1	4.906	4.888	(0,4)	945,4	952,1	0,7
SUDESTE	7.151,8	7.380,8	3,2	4.393	4.350	(1,0)	31.414,8	32.108,1	2,2
MG	4.378,8	4.508,9	3,0	4.352	4.345	(0,2)	19.057,0	19.590,6	2,8
ES	25,0	28,6	14,4	2.720	2.804	3,1	68,0	80,2	17,9
RJ	2,4	2,5	4,2	3.458	3.560	2,9	8,3	8,9	7,2
SP	2.745,6	2.840,8	3,5	4.473	4.375	(2,2)	12.281,5	12.428,4	1,2
SUL	21.914,3	22.179,2	1,2	4.171	4.214	1,0	91.401,2	93.472,8	2,3
PR	10.436,0	10.553,6	1,1	4.509	4.470	(0,9)	47.052,5	47.169,4	0,2
SC	1.408,8	1.449,2	2,9	5.630	5.584	(0,8)	7.931,6	8.092,6	2,0
RS	10.069,5	10.176,4	1,1	3.617	3.755	3,8	36.417,1	38.210,8	4,9
NORTE/NORDESTE	16.513,7	17.140,3	3,8	3.529	3.491	(1,1)	58.269,0	59.838,2	2,7
CENTRO-SUL	66.952,1	68.265,5	2,0	4.540	4.502	(0,8)	303.967,4	307.301,9	1,1
BRASIL	83.465,8	85.405,8	2,3	4.340	4.299	(0,9)	362.236,4	367.140,1	1,4

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, avelã, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em outubro/2026.



INTRODUÇÃO

Com a publicação deste boletim, tem início uma nova temporada de acompanhamento da safra brasileira de grãos.

A partir deste mês, a Conab começa a acompanhar a safra 2026/27, ainda atualizando as informações referentes às culturas da terceira safra e de inverno, da temporada 2025/26, que ainda seguem em campo. As primeiras estimativas para a nova safra das culturas de inverno serão divulgadas apenas em fevereiro e, por enquanto, assume-se o estimado para a safra 2026 como a previsão para 2027.

O primeiro levantamento mantém estreita relação com os dados apresentados nas Perspectivas Agropecuárias, divulgadas em setembro deste ano. Esse último trabalho foi fruto da interação entre as equipes de mercado e safras, ambas da Conab, dando suporte para as estimativas de produtos que serão cultivados, por exemplo, apenas no primeiro semestre de 2027. A exemplo do sucesso dessa interação e das melhorias nas previsões iniciais, está o milho segunda safra. Na última safra, a variação da área total da cultura em relação às Perspectivas Agropecuárias dessa mesma safra foi pouco maior que 1%.



No entanto, sempre há a possibilidade de alteração nos números, em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis, como as ocorridas na última safra. Como exemplo, o algodão teve variação de 7%, entre a estimativa da Perspectiva Agropecuária e o totalizado ao final da safra.

Assim, as estimativas da produção refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas previstas até o final do ciclo de cultivo.

Agradecemos o papel fundamental dos colaboradores da Conab em todas as Unidades da Federação, no levantamento das informações que subsidiam este boletim. Da mesma forma, registramos a colaboração de diversas entidades, públicas e privadas, fornecendo informações que permitem estimar a safra brasileira de grãos.

Neste levantamento, no apêndice do boletim, encontra-se um resumo das principais informações acerca do vazio sanitário e sua relevância para a sanidade das lavouras e para a produção. É imperioso que sempre seja consultado o último documento publicado pela autoridade fitossanitária federal e/ou estadual, visto que a Conab apenas replica a informação no momento da elaboração deste boletim.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades e à perspectiva climática. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.



Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas e na integração de sinais de vigor vegetativo, observados por satélite, com o conhecimento de campo da companhia.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao sensoriamento



remoto e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE SETEMBRO

Em setembro de 2026, as chuvas foram acima de 150 mm na Região Sul, sul de São Paulo e de Mato Grosso do Sul, além de áreas do sudeste de Minas Gerais e Rio de Janeiro, mantendo a umidade no solo com níveis satisfatórios e elevados em algumas áreas. Em grande parte do Centro-Oeste, do centro-norte de Minas Gerais, sul e oeste da Região Norte, os volumes de chuva variaram entre 50 mm e 100 mm. Já o norte da Região Norte e grande parte da Região Nordeste, registaram acumulados mensais inferiores a 40 mm, resultando em menores níveis de armazenamento de água no solo.

Na **Região Norte**, os maiores volumes de chuva ocorreram no Acre, Rondônia, sul do Pará, centro-oeste do Amazonas e norte de Tocantins, com valores acima de 50 mm. Nas demais áreas, os acumulados foram abaixo de 30 mm, havendo redução dos níveis de umidade do solo.

Na **Região Nordeste**, as chuvas se concentraram no litoral leste, com totais acima de 40 mm, desde o Rio Grande do Norte até a Bahia. No Semiárido e em áreas do Sertão e Matopiba, os valores foram inferiores a 30 mm,

¹ Cleverson Henrique de Freitas – Agrometeorologista FUNDECC/Inmet - Brasília.



havendo redução dos níveis de umidade do solo. Diante deste cenário, as lavouras de terceira safra, que se encontram em maturação e colheita, vêm sendo favorecidas.

Em grande parte da **Região Centro-Oeste**, foram registrados acumulados de chuva inferiores a 90 mm, não sendo suficientes para elevar, em níveis satisfatórios, a umidade do solo na região. Já em Mato Grosso do Sul, os volumes de chuva foram acima de 120 mm.

Na **Região Sudeste**, as chuvas foram mais significativas no centro-sul de São Paulo, Rio de Janeiro e sudoeste de Minas Gerais, com volumes acima de 150 mm. O excesso de chuvas pode ter impactado a qualidade do trigo que se encontram em fase de maturação e colheita, principalmente no estado de São Paulo. Já no norte de Minas Gerais, as chuvas foram escassas e inferiores a 30 mm.

Na **Região Sul**, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm nos três estados. Este cenário manteve os níveis de umidade do solo elevados, porém o excesso hídrico prejudicou a cultura de trigo, favorecendo a ocorrência de doenças fúngicas.

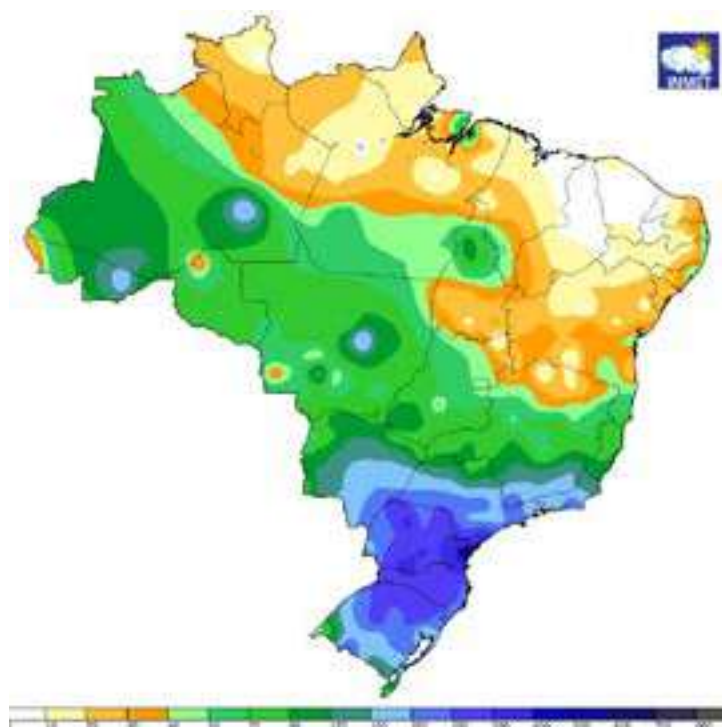
Em setembro, as temperaturas máximas permaneceram acima de 30 °C nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Os maiores valores ficaram acima de 36 °C em áreas do Tocantins, leste de Mato Grosso, sudeste do Pará, Piauí, sul do Maranhão e oeste da Bahia. As menores máximas, abaixo de 28 °C, ocorreram principalmente no Sul e em áreas do leste da Região Sudeste.

Em relação às temperaturas mínimas, os valores superaram 20 °C nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Na Região Sul, em áreas da Região Sudeste, bem como o sul de Mato Grosso do Sul, as mínimas ficaram abaixo



de 18 °C, refletindo em condições mais amenas. Os menores valores, entre 6 °C e 10 °C, ocorreram no Rio Grande do Sul, associados à atuação de massas de ar frio. Em baixadas e em áreas mais elevadas, houve registro de geadas.

FIGURA 1 -ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM SETEMBRO DE 2026



Fonte: Inmet.

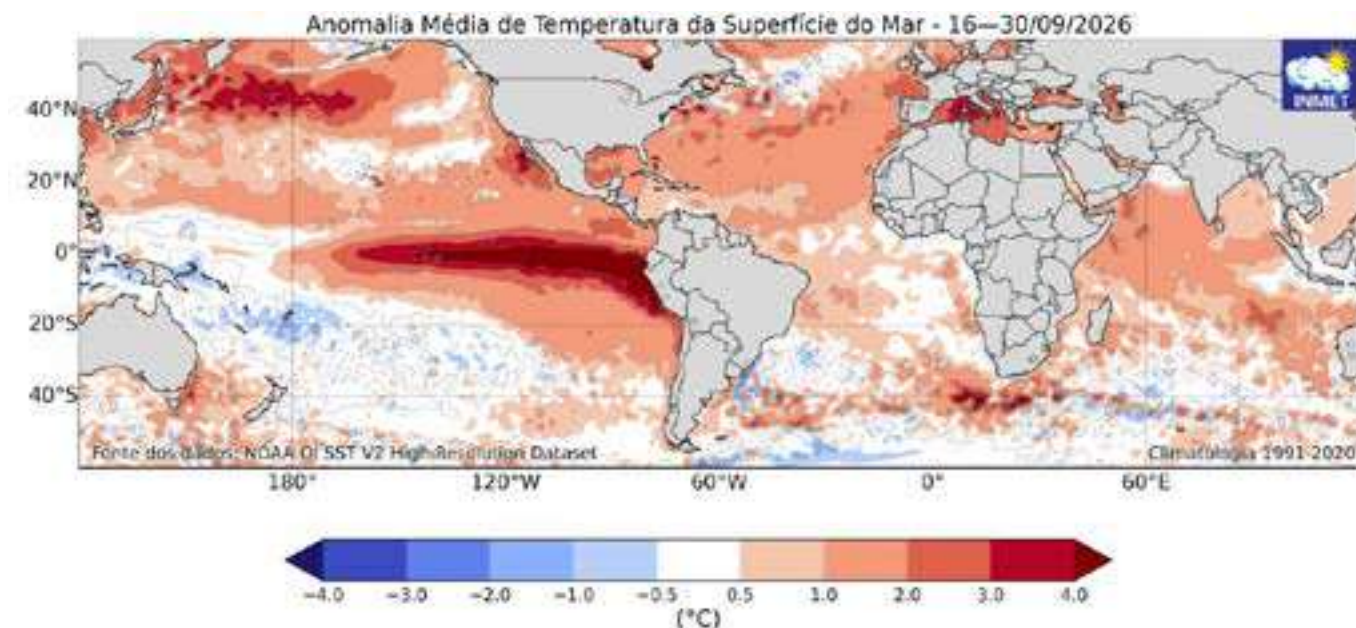
CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIAS

Na figura abaixo, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período de 16 a 30 de setembro de 2026. Nesse intervalo, foram registrados valores acima de 1 °C ao longo da faixa longitudinal compreendida desde a costa oeste da América do Sul até 180°, indicando temperaturas acima da média climatológica. As águas mais aquecidas concentraram-se entre 80°W e 150°W, onde as anomalias foram acima de 4 °C. Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do Niño 3.4, delimitada entre 170°W e 120°W, verificaram-se valores



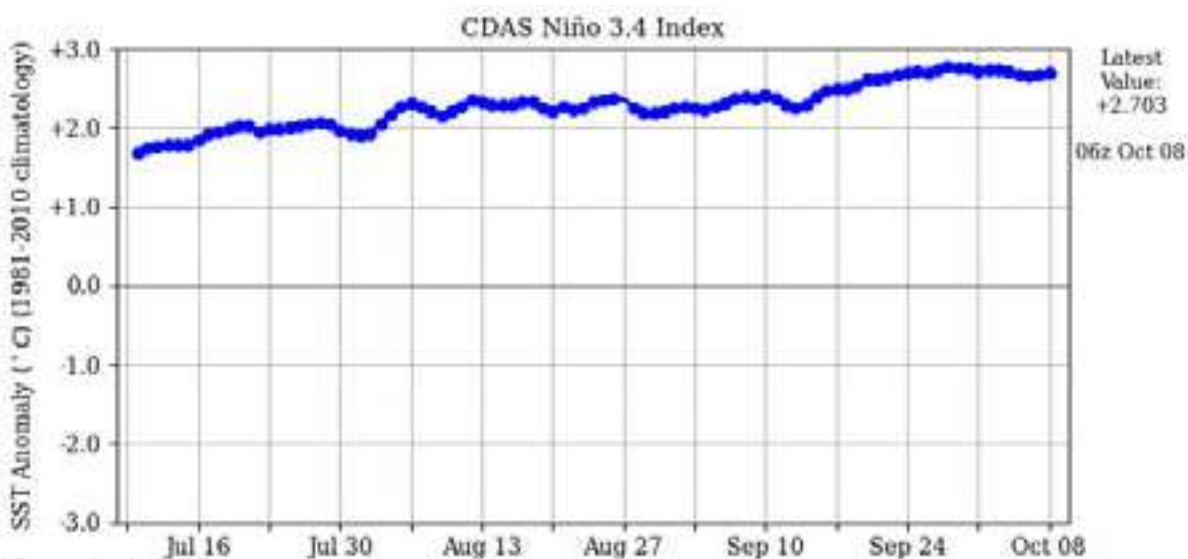
positivos e acima 2 °C durante setembro, sinalizando a persistência das condições de El Niño.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 30 DE SETEMBRO DE 2026



Fonte: NOAA.

GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4

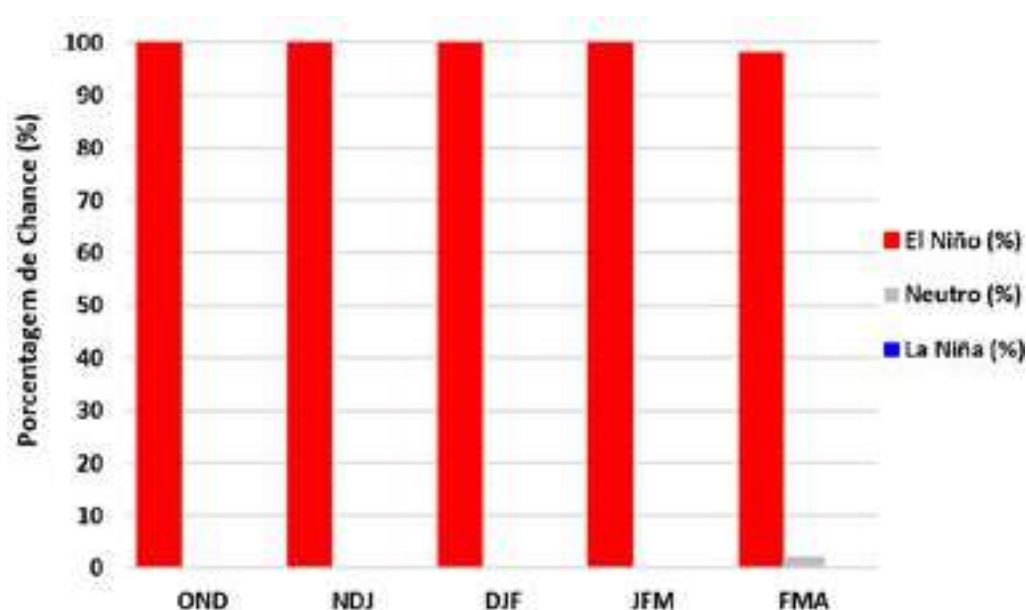


Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.



A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), indica a persistência das condições de El Niño (fase quente) durante o trimestre outubro, novembro e dezembro, que poderá atingir intensidade muito forte até o final de 2026.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2026

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do INMET, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica predomínio de chuvas abaixo da média em grande parte das Regiões Norte, Nordeste e parte norte das regiões Centro-Oeste e Sudeste. Enquanto as chuvas acima da média são previstas para as Regiões Sul e Centro-Oeste, além de áreas do centro-sul da Região Sudeste.



Analizando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas abaixo da média em grande parte da Região Norte, o que poderá contribuir para a redução dos níveis de umidade no solo. Por outro lado, são previstas chuvas acima da média no oeste da Amazônia, favorecendo a manutenção de níveis mais elevados de umidade do solo nessa área.

Na maior parte da Região Nordeste, a previsão indica chuvas abaixo da média, o que poderá contribuir para a redução gradual da umidade do solo. Ressalta-se que, a faixa leste da região entra no período mais seco do ano, sendo natural a redução dos volumes de chuva nos próximos meses. Ainda assim, podem ocorrer episódios de chuva, principalmente nas áreas próximas ao litoral.

Para a Região Centro-Oeste, a previsão indica irregularidade das chuvas, com predomínio de chuvas próximas e acima da média, exceto em áreas do noroeste e nordeste do Mato Grosso, centro-norte de Goiás e Distrito Federal, onde os volumes de chuva podem ficar abaixo da média, principalmente em outubro e novembro.

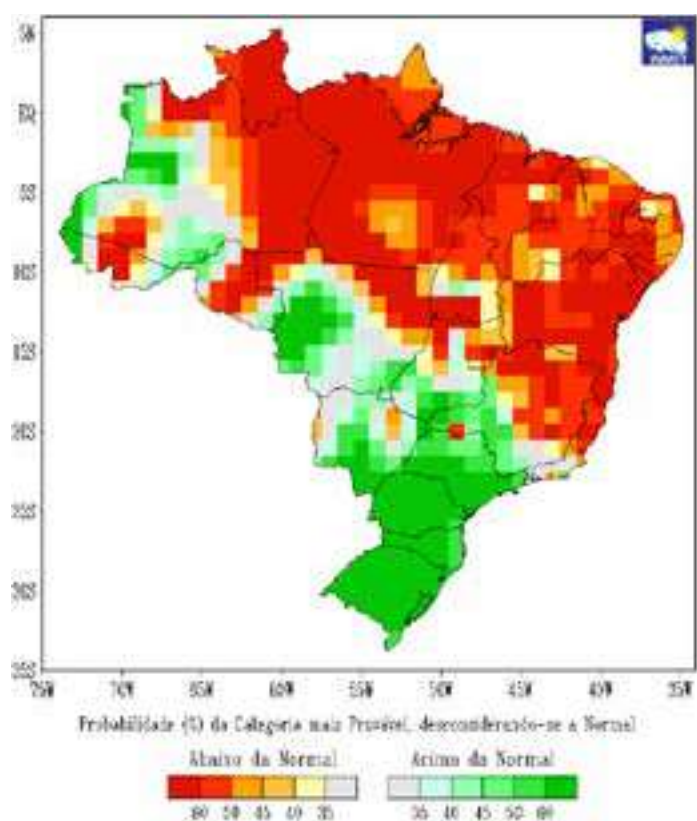
Na Região Sudeste, a tendência é de chuvas abaixo da média no centro-norte de Minas Gerais, Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro. No sul de Minas Gerais e Rio de Janeiro, bem como grande parte de São Paulo, são previstos volumes de chuva próximos e acima da média.

Na Região Sul, a previsão indica chuvas acima da média ao longo do trimestre. De modo geral, os níveis de umidade no solo deverão permanecer adequados para o desenvolvimento das culturas. No entanto, a persistência de eventos de chuva poderá favorecer a ocorrência de excesso hídrico em áreas da porção centro-oeste da região, principalmente em outubro e novembro.



As temperaturas médias do ar devem permanecer acima da média histórica em grande parte do país. Valores superiores a 27 °C são previstos em grande parte das Regiões Norte e Nordeste. Na Região Centro-Oeste, os valores devem variar entre 25 °C e 27 °C, assim como no oeste de São Paulo e norte de Minas Gerais. Em áreas do sul de Minas Gerais, leste de São Paulo, sul do Rio de Janeiro, assim como em grande parte da Região Sul, são previstas temperaturas mais amenas e inferiores a 25 °C.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2026



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>).



ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.093 mil ha

+3,7%

PRODUTIVIDADE

1.986 kg/ha

-3,3%

PRODUÇÃO

4.157,5 mil t

+0,3%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22		1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23		1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24		1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25		2.085,6	1.957	4.081,5
2025/26		2.018,4	2.054	4.145,3
2026/27	Out./26	2.093,0	1.986	4.157,5

Fonte: Conab.



A área destinada ao plantio de algodão na safra 2026/27 está estimada em 2.093 mil hectares, um aumento de 3,7% em relação à temporada passada. Tal previsão de crescimento na área vem de estimativas de incremento nos principais estados produtores, com destaque para Mato Grosso, Bahia, Maranhão, Piauí e Minas Gerais, sustentada pela boa atratividade do algodão em relação às culturas concorrentes e pela busca por uma safra de maior valor agregado diante do risco climático do El Niño.

As operações de semeadura do ciclo ainda não começaram, visto que, em alguns estados, o período atual é de vazio sanitário para a cultura, como em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e no sul do Maranhão. O plantio deve iniciar a partir de novembro em Goiás e em dezembro em Mato Grosso e Maranhão, onde o El Niño traz previsão de chuvas abaixo da média de outubro a dezembro, mês crítico para a semeadura. Em São Paulo, embora não haja vigência de vazio sanitário, o cultivo ainda não iniciou em razão do excesso de chuvas em algumas das regiões produtoras no estado.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,48			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins	0,29		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,57		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra				S	S/E/DV	DV/F	F	FM	FM/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	1,21		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	17,16	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	DV/FM	DV/F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C

Continua



UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	52,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,81		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	11,90		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,53		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,59	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,06		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,61		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A safra brasileira de algodão em pluma 2025/26 terminou com produção estimada em 4,14 milhões de toneladas e com a colheita integralmente concluída, consolidando-se como a maior da série histórica da Conab, iniciada na safra 1976/77. Para o ciclo 2026/27, o primeiro levantamento aponta uma produção de 4,15 milhões de toneladas, crescimento de 0,3% em relação à safra anterior. A área cultivada está projetada em 2,09 milhões de hectares, expansão de 3,7%, enquanto a produtividade média nacional está estimada em 1.986 kg/ha, redução de 3,3%. Dessa forma, a expansão da



área deverá compensar a menor produtividade esperada, com perspectiva de novo recorde de produção.

No balanço de oferta e demanda do algodão em pluma, a projeção inicial para a safra 2026/27 é de 3,411 milhões de toneladas exportadas, volume próximo ao previsto para o ciclo anterior, estimado em 3,418 milhões de toneladas. Segundo dados consolidados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), as exportações brasileiras de algodão em pluma totalizaram aproximadamente 2,27 milhões de toneladas entre janeiro e setembro de 2026, sendo 191,5 mil toneladas embarcadas somente em setembro, crescimento de 7,1% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com a manutenção de elevados volumes destinados ao mercado externo, as exportações deverão continuar como principal componente da demanda por algodão brasileiro.

No mercado interno, o consumo de algodão em pluma está estimado em 745 mil toneladas para a safra 2026/27, crescimento de 0,7% em relação ao ciclo anterior. A projeção aponta para uma expansão discreta da demanda doméstica, que deverá permanecer relativamente estável diante do elevado volume produzido no país. Assim, o mercado externo continuará sendo o principal destino da produção brasileira, enquanto o desempenho da indústria têxtil nacional permanece como fator importante para a evolução do consumo interno.

Com a produção e os estoques iniciais projetados em níveis elevados, o suprimento de algodão em pluma deverá alcançar 6,88 milhões de toneladas em 2026/27, praticamente estável em relação à safra anterior. Os estoques finais estão estimados em 2,73 milhões de toneladas, ligeiramente acima dos 2,72 milhões de toneladas previstos para 2025/26, o que representa um aumento de aproximadamente 0,1%. Embora discreta, essa elevação indica que a disponibilidade interna deverá permanecer elevada ao término



da safra 2026/27, mesmo com a manutenção de volumes expressivos de exportação.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2
2023/24	2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1
2024/25	2.400,1	4.081,5	0,8	6.482,4	720,0	3.026,0	2.736,4
2025/26	2.736,4	4.145,3	1,0	6.882,7	740,0	3.418,0	2.724,7
2026/27 out/26	2.724,7	4.157,5	1,0	6.883,2	745,0	3.411,0	2.727,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).

**ARROZ****ÁREA**

1.529,3 mil ha
+0,8%

PRODUTIVIDADE

7.031kg/ha
-3,7%

PRODUÇÃO

10.752,1 mil t
-2,9%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ TOTAL

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22		1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23		1.479,6	6.780	10.031,8
2023/24		1.606,6	6.583	10.577,0
2024/25		1.763,9	7.233	12.757,7
2025/26		1.516,7	7.303	11.076,2
2026/27	Out./26	1.529,3	7.031	10.752,1

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A safra 2026/27, para a produção de arroz, acompanha as condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura em campo, onde a temperatura e a disponibilidade de água, incluindo o regime de chuvas, são fatores fundamentais para a implementação das lavouras.

A semeadura teve início conforme a janela de plantio das regiões produtoras, tendo destaque para a Região Sul do país, onde as áreas semeadas no Paraná já abrangem mais da metade da área prevista, em Santa Catarina segue



a operação de forma gradual e nas áreas com a maior produção nacional, no Rio Grande do Sul, avança ainda de forma desigual entre as regiões estimadas para o plantio.

Nestas regiões, o principal fator de atenção tem sido a manutenção da qualidade do estabelecimento das lavouras, uma vez que volumes de chuvas acima da média podem gerar riscos iminentes, como saturação dos solos, enxurradas, alagamentos, erosão, interrupção das operações em campo, temporais e acamamento das plantas, exigindo a necessidade de manejo adequado da lâmina de água e atenção aos efeitos no desenvolvimento das lavouras.

A estimativa é de redução das áreas implantadas nesta safra em comparação com o ciclo anterior, advindos da incerteza climática, necessidade de estratégias de mitigação, custos e preço de mercado que resultam de forma expressiva na decisão de plantio, condição que será monitorada a cada levantamento da companhia conforme o desenvolvimento das lavouras até a colheita.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a semeadura teve início e abrange todas as regiões orizícolas do estado, alcançando em torno de 22% da área estimada já plantada, e a implantação das lavouras avança de modo desigual entre as regiões. As lavouras estão 94% em emergência e 6% em desenvolvimento vegetativo. Na região da Fronteira Oeste já foram semeadas mais de 50% da área estimada para a região, enquanto que na Região Sul ainda está em torno de 10% da área estimada plantada.



Nas regiões das Planícies Costeiras Interna e Externa, Campanha e região Central a área semeada ainda é inferior a 10%. Na região da Fronteira Oeste algumas áreas precisaram ser drenadas para evitar problemas nas fases de emergência e germinação das plantas, principalmente em áreas próximas de rios. As baixas temperaturas ocorridas durante o período têm retardado o processo de emergência das plantas, fazendo com que as áreas que ainda não emergiram dependam do aquecimento térmico e da manutenção da umidade no solo para a sua plena evolução.

Neste sentido, nas regiões da Campanha, Sul e Central, a semeadura acaba sendo mais tardia devido dificuldade de germinação das sementes. Paralelamente, a ocorrência de chuvas frequentes, de volumes moderados a altos, aumenta a umidade do solo e dificulta as operações do tráfego de máquinas em campo, com impacto direto no ritmo do plantio, sendo mais expressiva nas áreas de várzea, beira de rios e lagos. Estão sendo realizadas aplicações de herbicidas pré-emergentes e dessecantes no estágio de ponto-de-agulha para manter as áreas livres de daninhas. Diante dos prognósticos climáticos, a semeadura pode não ser concluída dentro do período ideal, de outubro a novembro.

Em todas as regiões, a estimativa é de redução da área em relação à safra anterior advindos de questões como o endividamento rural, custos da produção e previsão de El Niño, que reduz a expectativa de produtividade pela redução da luminosidade, frio no período de floração e risco de enchentes em áreas ribeirinhas, próximas de rios e lagos. Contudo, a reação positiva dos preços praticados no mercado atua como o principal fator de incentivo aos orizicultores. No panorama de insumos, as aquisições de fertilizantes apresentaram atrasos decorrentes da expectativa por cotações mais baixas. A estimativa de área para o estado para a safra 2026/2027 é de 896,1 mil hectares, redução de 1%, a priori, na área em relação à safra 2025/26.



Santa Catarina: a perspectiva climática nas áreas de cultivo do arroz irrigado mostra que a disponibilidade de água tende a ser favorável, porém as precipitações persistentes podem dificultar o preparo, nivelamento, semeadura e manejo inicial da irrigação. A semeadura tem avançado de forma gradual nas principais regiões produtoras do sul do estado.

No início, a semeadura estava concentrada principalmente no Litoral Norte, onde tradicionalmente ocorre implantação mais precoce, seguindo nas áreas do Alto Vale do Itajaí e Sul Catarinense, principal região produtora. Assim, nas áreas mais precoces as lavouras apresentam germinação, emergência e desenvolvimento vegetativo. Na região Sul Catarinense, o plantio avançou gradativamente, aproveitando as janelas de maior estabilidade para preparo final e semeadura. As áreas estabelecidas apresentaram, de maneira geral, boa emergência e desenvolvimento inicial satisfatório. A elevada disponibilidade hídrica foi predominantemente favorável à implantação das lavouras. Entretanto, o excesso no volume de chuvas em determinados períodos constituiu o principal fator limitante, dificultando o preparo e nivelamento das áreas, restringindo a entrada de máquinas, ocorrendo falhas pontuais de estande e excesso de água em áreas com menor capacidade de drenagem, o que pode tornar difícil o manejo inicial de plantas daninhas. A safra 2026/27 apresenta implantação progressiva e condição inicial satisfatória, com aproximadamente 27% da área semeada.

Paraná: em relação ao cultivo do arroz irrigado, todas as áreas semeadas encontram-se em boas condições. Com 70% já plantada, a maior parte das lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo.

Maranhão: o arroz irrigado corresponde a cerca de 7% da área total de arroz (sequeiro e irrigado) do estado. O plantio foi iniciado mais significativamente no final de junho de 2026, com mais de 70% já semeado, faltando apenas algumas áreas produtoras em Viana. As lavouras encontram-se em todos



os estádios fenológicos, devido à grande janela de implantação da cultura. A colheita dos grãos foi iniciada aos poucos nas áreas em Grajaú. Houve relato da presença de cigarrinhas e incidência de fungos, como a brusone, ainda controlados.

Pará: somente o arroz irrigado está sendo cultivado nesta estação seca, ainda uma pequena parcela, com baixos volumes de chuvas nas áreas de lavoura, mas com desenvolvimento satisfatório e sem relatos de problemas fitossanitários.

Minas Gerais: com a ocorrência das chuvas, a consequente elevação do lençol freático e aumento do volume dos cursos de água, houve início do plantio no Sul de Minas. Nas demais regiões produtoras, aguarda-se a melhoria no aporte hídrico para a implantação das lavouras.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2026/27										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,88				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	1,12			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
TO**	Ocidental do Tocantins	5,59			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense	0,64					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	4,19			PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MG**	Noroeste de Minas	0,56			S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	0,98		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C	C
SC**	Norte Catarinense	1,17	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	1,77	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sul Catarinense	6,84		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Continua



Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2026/27										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	5,85		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	3,75		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	15,94		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	29,80		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	13,83		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**) =total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2025) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2026/27, a estimativa da Conab neste primeiro levantamento aponta produção total de 10,75 milhões de toneladas de arroz, redução de 2,9% em relação às 11,08 milhões de toneladas estimadas para 2025/26, considerando os sistemas de produção irrigado e de sequeiro. A área total cultivada está inicialmente projetada em 1,53 milhão de hectares, crescimento de 0,8% em relação à safra anterior, refletindo movimentos distintos entre os dois sistemas. Enquanto a área de arroz irrigado, estimada em 1,26 milhão de hectares, apresenta redução de 0,4%, a área de arroz de sequeiro, projetada em 270,9 mil hectares, registra expansão de 7,1%.

Apesar do crescimento da área total, a produtividade média nacional está estimada em 7.031 kg/ha, redução de 3,7% em relação à safra anterior. A queda na produção nacional está associada principalmente ao arroz irrigado, cuja produção é estimada em 10,05 milhões de toneladas, retração de 3,6%, influenciada pelas perspectivas de menor produtividade na Região Sul. Em contrapartida, a produção de arroz de sequeiro está projetada em 700,1 mil toneladas, crescimento de 8,6% em relação à safra 2025/26.



Na Região Sul, responsável pela maior parcela da produção nacional, estima-se produção de 8,77 milhões de toneladas, redução de 4,7% em relação à safra anterior. No Rio Grande do Sul, a produção está inicialmente projetada em 7,43 milhões de toneladas, queda de 4,9%, resultado da redução de 1% na área cultivada e de 3,9% na produtividade. Por outro lado, o Centro-Oeste apresenta perspectiva de expansão da produção, com crescimento estimado em 15%, influenciado principalmente pelo aumento da área cultivada em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Para o mercado externo, diante da perspectiva inicial de menor disponibilidade doméstica de arroz na safra 2026/27, projeta-se redução das exportações para 1,66 milhão de toneladas, ante 1,95 milhão de toneladas estimadas para 2025/26, retração de 14,8%. As importações são inicialmente projetadas em 1,3 milhão de toneladas, mantendo-se estáveis em relação à safra anterior.

O consumo é inicialmente projetado em 10,8 milhões de toneladas, mesmo volume estimado para 2025/26. Dessa forma, considerando estoque inicial de 1,81 milhão de toneladas, produção de 10,75 milhões de toneladas e importações de 1,3 milhão de toneladas, o suprimento total é estimado em 13,86 milhões de toneladas, redução de 4,8% em relação ao ciclo passado. Com a manutenção do consumo interno e a redução projetada das exportações, os estoques de passagem ao final de fevereiro de 2028 são estimados em 1,4 milhão de toneladas, volume 22,5% inferior ao projetado para fevereiro



de 2027.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020/21		754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22		1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23		846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24		407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25		496,8	12.757,7	1.317,7	14.572,2	10.500,0	1.883,8	2.188,4
2025/26		2.188,4	11.076,2	1.300,0	14.564,6	10.800,0	1.953,4	1.811,2
2026/27	out/26	1.811,2	10.752,1	1.300,0	13.863,3	10.800,0	1.663,6	1.399,7

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em outubro/2026.
Estoque de passagem - 28 de fevereiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).

**FEIJÃO****ÁREA**

2.546,1 mil ha

+0,2%

PRODUTIVIDADE

1.151 kg/ha

-0,9%

PRODUÇÃO

2.930,2 mil t

-0,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz faz da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se aqui os três grandes grupos acompanhados pela companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agrônomo, principalmente pelo seu ciclo fenológico, considerado mais curto e que possibilita ao produtor adequar melhor o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.



FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2025/26

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		581,0	1.253	728,0
2019/20		588,8	1.481	872,1
2020/21		567,8	1.373	779,6
2021/22		530,6	1.333	707,2
2022/23		516,0	1.574	813,0
2023/24		470,2	1.680	789,9
2024/25		384,4	1.726	663,7
2025/26	Set./26	375,3	1.775	666,2
	Out./26	375,3	1.775	666,2

Fonte: Conab.

A colheita do feijão terceira safra foi finalizada no último mês. De maneira geral, em âmbito nacional, o ciclo apresentou alguns desafios importantes, como as oscilações climáticas em algumas regiões, especialmente na Região Nordeste, com pluviosidade irregular, especialmente na Bahia. Tal cenário, aliado às questões mercadológicas, influenciaram na tomada de decisão do produtor em semear a cultura, reduzindo, assim, a área plantada em comparação à temporada 2024/25.

Já no quesito do potencial produtivo, o rendimento médio da cultura foi maior em âmbito nacional, principalmente na Região Centro-Sul do país, por conta de melhores condições climáticas do que em 2025. Os resultados só não foram melhores devido às perdas associadas às intempéries climáticas, principalmente na Bahia, em Alagoas e em Mato Grosso.



FEIJÃO-COMUM CORES

Mato Grosso: a colheita avançou e foi concluída no último mês. No geral, o ciclo teve uma produção total próxima àquela alcançada em 2024/25, embora tenha sido registrado perdas pontuais de produtividade em algumas regiões em decorrência de intercorrências fitossanitárias, como ataques de pragas e doenças, destacando-se maior incidência de *Fusarium* em algumas lavouras. Já no aspecto edafoclimático, mesmo que o clima tenha se mostrado mais seco, com menor volume pluviométrico nos últimos meses, a utilização de irrigação suplementar ajuda no atendimento da demanda hídrica da cultura nas suas fases fenológicas.

Como contraponto à redução na produtividade média, houve incremento de área plantada em comparação com a temporada passada, o que acabou por resultar em um volume final satisfatório, similar ao obtido no ano passado.

Minas Gerais: com o início do período de vazio sanitário para a cultura (para controle de mosca-branca - *Bemisia tabaci*) no estado no terceiro decêndio de setembro, as lavouras de terceira safra precisaram acelerar as operações de colheita para cumprir esse cronograma.

De maneira geral, o ciclo se mostrou com resultados superiores ao do ano passado, especialmente pela menor pressão de mosca-branca registrada neste ciclo em comparação com a temporada passada, que foi bastante prejudicada pelas perdas fitossanitárias ligadas a essa praga.

É bem verdade que nas lavouras mais tardias, principalmente no Noroeste mineiro, houve perda de potencial produtivo por conta de elevação nas temperaturas e baixa pluviosidade, que favoreceram a infestação de outras pragas, como a mosca-minadora (*Liriomyza* spp.), que cresceu significativamente e levou a danos pontuais e diminuição de parte do



rendimento da cultura, porém ainda se mantendo superior a 2024/25, incluindo também o aumento de área plantada nessa comparação com o ano anterior.

Pernambuco: safra concluída ainda em agosto. Registrou-se uma média de produtividade bastante satisfatória, similar à observada em 2024/25, que também foi considerada positiva.

Vale pontuar que, com o encerramento do ciclo, foi feito um ajuste na estimativa de área plantada e se constatou leve diminuição em relação à previsão do levantamento passado, justificando-se pela substituição de cultivo em algumas áreas na região de Garanhuns, com adoção de culturas como mandioca e milho como principais alternativas.

Goiás: a safra foi concluída em setembro, com as operações de colheita sendo aceleradas no final do ciclo para se adequar à legislação estadual, que determina a adoção de vazio sanitário para a cultura, visando o controle da mosca-branca (*Bemisia tabaci*) nas lavouras locais.

De maneira geral, o ciclo apresentou ótimas condições para o desenvolvimento da cultura, tanto no aspecto fitossanitário, com melhor controle de pragas e doenças em comparação ao ano anterior, bem como no quesito edafoclimático, aliando também à adoção da irrigação suplementar na grande maioria das lavouras. Assim, o resultado da safra foi bastante positivo, com aumento de produtividade média em relação a 2024/25 e também bom padrão de qualidade em boa parte dos lotes de grãos colhidos.

Bahia: o cultivo se concentra na região nordeste do estado, e ali, as condições climáticas nesse ciclo se mostraram bastantes desfavoráveis à cultura na maior parte dos locais produtores, impactando o resultado final da safra.



O volume de chuvas foi menor e com uma distribuição temporal e espacial irregular, o que levou à escassez hídrica nos solos e dificultou a implantação das lavouras, reduzindo o estande de plantas, além de ter prejudicado o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, com encurtamento dos estádios fenológicos. Assim, houve perdas significativas de potencial produtivo na maior parte das regiões produtoras desse período. Além disso, a qualidade dos grãos também foi prejudicada, com perda de rendimento e do padrão habitual dos grãos.

Alagoas: a persistência do cenário de poucas chuvas, especialmente na região do Sertão alagoano, influenciou diretamente na produção da cultura no estado. Os períodos de estiagem prolongada em algumas áreas fizeram com que muitos produtores deixassem de plantar a cultura, levando à redução expressiva na área plantada em comparação com o ano passado.

Além disso, houve menor disponibilidade hídrica nos solos para a evolução fenológica satisfatória das lavouras implantadas, gerando plantas com vigor vegetativo diminuto e até abortamento de flores e vagens, principalmente no Sertão. Já na região do Agreste, onde também é semeada a cultura no período, as condições foram menos críticas.

Nesse cenário, a produção estadual acabou sendo comprometida, com um resultado bem inferior ao obtido no ciclo 2024/25, por conta dessas reduções em área e em produtividade média que decorreram especialmente da influência climática.

Paraná: o cultivo, que se concentra principalmente em áreas das regiões norte e nordeste do estado, teve sua semeadura concluída no último mês.

A cultura tem baixa representatividade nesse terceiro período, sendo cultivada em pequenas áreas, geralmente associadas à agricultura familiar



e à produção de subsistência. Não obstante, pela pouca demanda local, a área plantada nesse ciclo foi ainda menor do que em anos anteriores.

Quanto às condições gerais das lavouras em campo, o ciclo foi concluído no começo de setembro e, de maneira geral, houve bom desempenho e boa qualidade dos grãos obtidos, embora em uma destinação de área inferior aquela apresentada na temporada 2024/25.

Tocantins: o cultivo ocorre de maneira bem pontual, concentrando-se em uma pequena área, com manejo totalmente irrigado.

Embora haja bom aporte hídrico com a utilização da irrigação suplementar, o ciclo acabou sendo impactado por questões climáticas, em particular os registros de temperaturas máximas bem elevadas em fases críticas do desenvolvimento dos grãos, algo que culminou em perda de potencial e, por consequência, reduzindo o volume final obtido.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Pernambuco: apesar das irregularidades hídricas e das oscilações pluviométricas, especialmente nas últimas semanas, houve bom desenvolvimento e recuperação do potencial produtivo da cultura, reavaliando a estimativa anterior de diminuição na produtividade média.

O cenário atual, mais seco, favoreceu a fase final de maturação e colheita da leguminosa, que foi concluída ainda em agosto.

Paraíba: o cultivo se concentra na região do Agreste, onde o padrão de chuvas foi oscilante, tendo períodos de restrição pluviométrica em algumas fases do ciclo, porém, em outros, chuvas excessivas, que acabaram prejudicando



boa parte das lavouras, levando a redução na produtividade média da cultura no estado em relação ao que foi anteriormente estimado e também em comparação com a temporada passada.

FEIJÃO-CAUPI

Pernambuco: apesar das irregularidades hídricas e das oscilações pluviométricas, especialmente nas últimas semanas, houve bom desenvolvimento e recuperação do potencial produtivo da cultura, reavaliando a estimativa anterior de diminuição na produtividade média.

O cenário atual, mais seco, favoreceu a fase final de maturação e colheita da leguminosa, que foi concluída ainda em agosto.

Vale pontuar a redução na área plantada em comparação a 2024/25, que ocorreu principalmente na região de Garanhuns e se deu por meio de substituição de algumas áreas para o cultivo de mandioca.

Bahia: o cultivo se concentra na região nordeste do estado, e ali, as condições climáticas nesse ciclo se mostraram bastante desfavoráveis à cultura na maior parte dos locais produtores, impactando o resultado final da safra.

O volume de chuvas foi menor e com uma distribuição temporal e espacial irregular, o que levou à escassez hídrica nos solos e dificultou a implantação das lavouras, reduzindo o estande de plantas, além de ter prejudicado o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, com encurtamento dos estádios fenológicos. Assim, houve perdas significativas de potencial produtivo na maior parte das regiões produtoras desse período. Além disso, a qualidade dos grãos também foi prejudicada, com perda de rendimento e do padrão habitual dos grãos.



Pará: o clima mais estável, com menores volumes de chuvas, permitiu rápido avanço da colheita, que foi concluída no último mês. O resultado final acabou sendo bem próximo ao volume obtido na temporada anterior, mantendo uma média de produtividade similar, com um bom desenvolvimento geral da cultura ao longo do ciclo.

Alagoas: o ciclo já havia sofrido uma baixa com relação à diminuição de área plantada em comparação com a temporada passada. Constatou-se a não efetivação da produção do grão em muitas lavouras, realizando a antecipação da colheita antes da maturação, para obter apenas a vagem verde desse feijão, não atendendo o padrão de produção e comercialização como grão propriamente dito, porém o maior intuito nessas áreas foi o uso dos restos culturais para o uso posterior da terra na rotação de cultura com cana-de-açúcar.

Soma-se a essa diminuição de área a redução no potencial produtivo das lavouras, que foram efetivamente colhidas como grãos, já que o ciclo apresentou certa restrição pluviométrica e assim houve menor disponibilidade hídrica nos solos para a evolução fenológica satisfatória das lavouras implantadas, gerando plantas com vigor vegetativo diminuto e até abortamento de flores e vagens, principalmente no Sertão. Já na região do Agreste, onde também é semeada a cultura no período, as condições foram menos críticas.

Nesse cenário, a produção estadual acabou sendo comprometida, com um resultado bem inferior ao obtido no ciclo 2024/25, por conta dessas reduções em área e em produtividade média que decorreram especialmente da influência climática.



QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica								
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2025/26					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PE	Agreste Pernambucano	3,92	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	2,47	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	15,66			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C
	Noroeste Goiano	4,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	1,55	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
GO**	Centro Goiano	1,60	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Leste Goiano	8,87	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sul Goiano	9,57	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
DF**	Distrito Federal	3,84	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Noroeste de Minas	18,57	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
MG**	Norte de Minas	1,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,15	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	1,37			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
SP**	Bauru	5,73			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Itapetininga	7,43			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.



FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2026/27

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		909,2	1.074	976,4
2021/22		909,3	1.036	941,8
2022/23		857,3	1.116	956,7
2023/24		861,1	1.094	942,3
2024/25		908,5	1.170	1.062,7
2025/26		793,0	1.228	973,9
2026/27	Out./26	808,4	1.192	963,5

Fonte: Conab.

A semeadura foi iniciada em algumas regiões do país, especialmente na Região Sul e Sudeste. As chuvas no último mês foram importantes para aumentar a umidade nos solos e permitir o preparo e a iniciação do plantio, bem como o desenvolvimento inicial das lavouras, porém há certa preocupação quanto às eventuais influências do El Niño sobre as condições climáticas nas regiões produtoras ao longo desse ciclo.

Os principais estados produtores nesse período de primeira safra são: Paraná, Minas Gerais e Bahia, mas também há produção em outras Unidades da Federação em todo o país, ajudando a perfazer um volume importante do grão destinado às demandas interna e externa.

As primeiras previsões, em âmbito nacional, mostram uma intenção de plantio superior à área total cultivada na temporada 2025/26. Contudo, esse cenário pode ser alterado durante o avançar da janela de plantio, já que questões climáticas, mercadológicas, culturais, fitossanitárias, entre outras, podem influenciar na tomada de decisão do produtor e, consequentemente, no total de área destinada a tal cultivo.



Vale pontuar a vigência de vazio sanitário, que consiste no período contínuo e obrigatório definido por órgãos de defesa agropecuária em que é totalmente proibido cultivar, manter ou permitir plantas vivas de uma determinada cultura no campo, para a cultura em três Unidades da Federação, sendo duas na região Centro-Oeste, Goiás e Distrito Federal, e uma no Sudeste, Minas Gerais.

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: o plantio ainda é incipiente, limitando-se a áreas pontuais que registraram chuvas mais consistentes nesse início de ciclo e também às regiões que não estão em vigência de vazio sanitário, que é o período estabelecido por lei, que proíbe a presença da cultura em campo. Nesse caso, a restrição acontece apenas no noroeste do estado, porém ali está a maior área plantada e a maior produção de feijão de Minas Gerais nessa primeira safra. Vale pontuar que esse vazio sanitário se estenderá até 20 de outubro.

Quanto à estimativa inicial de destinação de área para o cultivo da cultura nesse ciclo, espera-se leve redução no incremento em comparação a 2025/26, influenciada por condições mercadológicas e fitossanitárias, buscando um melhor controle da mosca-branca (*Bemisia tabaci*), que tem representado perdas significativas na produção nos últimos ciclos.

Bahia: o atual período tem sido de preparo das áreas a serem cultivadas, ainda sem o efetivo início da semeadura.

O cultivo nesse primeiro ciclo se concentra nas regiões oeste, centro-sul e centro-norte do estado, tendo bastante heterogeneidade nas condições



edafoclimáticas, fitossanitárias e até de nível tecnológico e no manejo adotado nas lavouras entre essas diferentes localidades, algo que acaba refletindo nos resultados alcançados.

Quanto à intenção de área plantada, há uma expectativa inicial de leve incremento em comparação ao ano passado em virtude da expansão de cultivo de feijão por conta do ciclo mais curto da leguminosa, adequando a um cronograma melhor de semeadura para as culturas de segunda safra que virão em sucessão, e também pelos preços pagos e a facilidade de comercialização do grão.

Goiás: o período atual é de vazio sanitário para a cultura no estado, mas o preparo dos solos já vai sendo condicionado. Assim, os produtores aguardam o fim do vazio sanitário e melhores condições climáticas, com regularidade de chuvas e temperaturas mais amenas, para o início efetivo de semeadura.

A expectativa inicial é de uma área plantada similar àquela visualizada em 2025/26, visto que boa parte da concentração desse cultivo fica na região sudoeste do estado, em áreas que posteriormente cultivam o algodão em sucessão ao feijão primeira safra.

Paraná: o volume contínuo de chuvas e a alta umidade que marcaram setembro dificultaram a evolução da semeadura da cultura em algumas regiões. O encharcamento dos solos inviabilizou o preparo das áreas e a entrada do maquinário em campo, impondo atrasos no calendário inicial de plantio.

Nas áreas em que a semeadura avançou, a umidade excessiva na camada superficial dos solos elevou os riscos de deterioração das sementes, contaminação fúngica e falhas no estande de emergência.



Apesar desses entraves operacionais e da influência no desenvolvimento inicial das lavouras provocados pelo clima, a área plantada prevista deverá ser superior à do ano passado, especialmente pelo calendário de plantio menos apertado do que na temporada anterior e também por bons preços pagos pelo grão recentemente. Ao final do último mês, cerca de um quarto da área total esperada havia sido semeada.

São Paulo: o plantio do feijão nesse período ocorre, tradicionalmente, entre agosto e novembro. Algumas lavouras que contam com sistemas de irrigação (região Sudoeste paulista) iniciam os trabalhos de semeadura logo em agosto, enquanto o cultivo de sequeiro ocorre a partir de setembro, com a retomada das chuvas e aproveitando a umidade da primavera.

Nesse ciclo, quase toda área prevista para o plantio do feijão de primeira safra está semeada. A maior concentração do cultivo fica no sudoeste do estado, especialmente na região de Itapeva, com o cultivo manejado sob irrigação. Ali, o plantio é realizado de forma mais precoce do que na maioria das regiões produtoras do país, algo feito estrategicamente para se ter uma colheita antecipada e obter melhor poder de barganha, com uma oferta do produto em um período em que o abastecimento ainda não está tão saturado, como na época de colheita das demais regiões produtoras.

Santa Catarina: a semeadura do feijão cores é tradicionalmente mais tardia no estado, devendo concentrar-se entre novembro e dezembro de 2025, ocorrendo, em grande parte, na sucessão da colheita de alguns cereais de inverno. O cultivo se concentra em área de maiores altitudes e temperaturas mais amenas.

Rio Grande do Sul: a cultura é semeada mais tardiamente no estado, com previsão de início do plantio apenas a partir de novembro de 2025, em sucessão à colheita de alguns cereais de inverno.



O cultivo se concentra, principalmente, na região do Planalto Superior, onde as condições edafoclimáticas são favoráveis à cultura, especialmente nesse cenário de semeadura mais tardia. O uso de bom pacote tecnológico pelos produtores da região é importante para garantir um bom volume de produção.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: o volume contínuo de chuvas e a alta umidade que marcaram setembro dificultaram a evolução da semeadura da cultura em algumas regiões. O encharcamento dos solos inviabilizou o preparo das áreas e a entrada do maquinário em campo, impondo atrasos no calendário inicial de plantio.

Nas áreas em que a semeadura avançou, a umidade excessiva na camada superficial dos solos elevou os riscos de deterioração das sementes, contaminação fúngica e falhas no estande de emergência.

Apesar desses entraves operacionais e da influência no desenvolvimento inicial das lavouras provocados pelo clima, a área plantada prevista deverá ser superior ao ano passado, especialmente pelo calendário de plantio menos apertado do que na temporada anterior e também por bons preços pagos pelo grão recentemente. Ao final do último mês, cerca de um quarto da área total esperada havia sido semeada.

Santa Catarina: a semeadura ainda avança em ritmo lento. As chuvas constantes e a alta umidade do solo dificultaram a entrada de máquinas e a evolução do plantio. Além disso, a erosão superficial causada por



enxurradas, mesmo em condições de plantio direto, impactou o estande de plantas nessas primeiras lavouras implantadas.

As áreas cultivadas estiveram mais nas áreas do Extremo-Oeste e Oeste, enquanto no Meio-Oeste ocorreu de forma pontual conforme a redução da umidade. Nas regiões do Planalto, Serra e Litoral, predominaram o preparo de áreas e a semeadura pontual. As condições hídricas favoreceram a germinação e a emergência, mas o excesso de umidade continua sendo o principal fator de risco, podendo provocar tombamento de plântulas, podridões radiculares, baixa oxigenação, falhas de estande e atraso na implantação.

Rio Grande do Sul: em razão das chuvas recorrentes e das baixas temperaturas, a semeadura da cultura iniciou lentamente no começo da janela de semeadura, que ocorreu ainda em agosto. Já em setembro, as operações avançaram um pouco mais, com pouco mais de um terço da área prevista semeada ao final do mês.

Mesmo com as condições meteorológicas desafiadoras nesse início de ciclo, com registro de dias nebulosos, úmidos e com chuvas volumosas, aumentando a pressão de doenças sobre a cultura. Também observaram-se dias com temperaturas mínimas baixas, condição que causou estresse térmico às plantas em início de desenvolvimento vegetativo. A condição geral das lavouras ainda é normal, mas exige constante monitoramento.

A semeadura da cultura não evoluiu em razão da continuidade das temperaturas baixas e das chuvas. A janela de semeadura da cultura no estado é ampla e deve perdurar até o fim do ano.

A principal região produtora é o Planalto Superior. Ali, a semeadura ocorre somente a partir de dezembro, após a colheita das culturas de inverno. A



estimativa da área a ser cultivada no estado na safra 2026/27 ainda é muito incerta, mas as estimativas iniciais são similares a do ano passado.

Alguns fatores deixam grandes margens para mudanças nessa destinação de área ao longo dos próximos meses, como os preços recebidos pelos produtores que estão aumentando, mas ainda baixos, considerados abaixo da expectativa; a histórica volatilidade dos preços do produto pode alterar a conjuntura de mercado; a recente valorização da soja, importante cultura concorrente em área; a previsão de mais chuvas em razão do El Niño e a suscetibilidade da cultura às doenças fúngicas e; aumento da produção no Paraná, que é um importante mercado competidor do feijão-preto gaúcho.

Minas Gerais: a principal região produtora, que é o Noroeste mineiro, está em pleno período de vazio sanitário, devendo iniciar a semeadura somente a partir de 20 de outubro. Enquanto isso, muitos produtores seguem com o planejamento da safra, realizando os manejos necessários de preparo do solo para a efetiva semeadura.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: a semeadura ainda não foi iniciada, devendo começar somente a partir de novembro. O cultivo ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar e abrange praticamente todas as regiões do estado.

O estado, tradicionalmente, destina uma grande área para o cultivo da cultura, sendo o de maior área plantada com o feijão-caupi nesse primeiro ciclo, e as condições climáticas são determinantes, até mesmo na intenção de plantio, já que as lavouras são manejadas em sequeiro e pulverizadas por diversas regiões do estado, até mesmo por aquelas áreas mais áridas.



Bahia: o estado é, tradicionalmente, um dos maiores produtores de feijão-caupi na primeira safra, e, para o atual ciclo, a perspectiva se mantém, prevendo-se uma significativa área para a semeadura da cultura.

Atualmente, os produtores estão concentrando suas atividades no preparo dos solos, com previsão de início das operações de plantio apenas em outubro/novembro.

Quanto à intenção de área plantada, há uma expectativa inicial de leve incremento em comparação ao ano passado em virtude da expansão de cultivo de feijão, especialmente nas regiões norte e oeste do estado, por conta do ciclo mais curto da leguminosa, adequando a um cronograma melhor de semeadura para as culturas de segunda safra que virão em sucessão, e também pela facilidade de comercialização do grão.

Maranhão: a cultura é cultivada, principalmente, pela agricultura familiar, utilizando-se de sistemas que, com baixa ou nenhuma tecnologia ou até mesmo cultivos consorciados, obtendo assim níveis menores de rendimento.

O plantio ainda não foi iniciado, tendo neste momento apenas o preparo dos solos para a semeadura que deve se dar a partir de outubro, com o início das chuvas.

Minas Gerais: a principal região produtora, que é o Noroeste mineiro, está em pleno período de vazio sanitário, devendo iniciar a semeadura somente a partir de 20 de outubro. Enquanto isso, muitos produtores seguem com o planejamento da safra, realizando os manejos necessários de preparo do solo para a efetiva semeadura.



Tocantins: o cultivo se dá, principalmente, em áreas de várzea sistematizadas e com sistema de subirrigação. Há também áreas manejadas em sequeiro, que têm plantio mais tardio, ocorrendo entre outubro e dezembro.

De maneira geral, as propriedades estão em fase de preparo dos solos e sistematização para o plantio que iniciará nesse mês.

Mato Grosso: a cultura é bastante pontual na primeira safra, ficando restrita a pequenas áreas, mas que mantém um rendimento médio satisfatório e com boa qualidade para atendimento de uma demanda mais específica.

No atual ciclo, a semeadura ainda não começou, mas já há preparo das áreas para o plantio que deve iniciar nas próximas semanas.

Pernambuco: as precipitações pluviométricas nos últimos meses estão abaixo da média, algo que levou à restrição hídrica nos solos e tem trazido preocupação quanto à destinação de área para o cultivo e o desenvolvimento vegetativo inicial das lavouras.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica												
	  	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
		 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
		 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2026/27									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	
TO	Ocidental do Tocantins	0,63			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
PI	Norte Piauiense	0,67						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	
	Centro-Norte Piauiense	0,81						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	
	Sudoeste Piauiense	1,02					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
PE	Agreste Pernambucano	0,71		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C				



Legenda - Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2026/27									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
BA	Extremo Oeste Baiano **	7,51			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,54				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Sul Baiano	1,69				S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	1,12			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
GO	Leste Goiano	4,79			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul Goiano	3,89			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte Goiano	1,46			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
DF												
MG	Noroeste de Minas	3,90			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte de Minas	1,91				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,29			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,76			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,83			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	2,77			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,26			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,24			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Itapetininga**	0,89	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
PR	Macro Metropolitana Paulista	0,49			S/E	E/DV	F/E/GM	M/C				
	Norte Pioneiro Paranaense	1,25		S/E/DV	DV/F	F/EG	F/E/GM	C				
	Centro Oriental Paranaense	8,06		S/E	S/E/DV	DV/F	F/E/GM	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	0,64		S/E	S/E/DV	DV/F	F/E/GM	EG/M/C	M/C			
	Sudoeste Paranaense	4,71		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/E/GM	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	5,44		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	10,71		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	2,69		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
SC	Oeste Catarinense	4,42		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/E/GM	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C		
	Norte Catarinense	1,59		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
RS	Serrana	2,33		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/E/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
	Noroeste Rio-grandense	1,75		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Nordeste Rio-grandense	3,24			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2025) / Conab.



FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2026/27

Previsão de plantio para a segunda safra de feijão no ciclo 2026/27 está estimado para a partir de janeiro de 2027.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2026/27

Previsão de plantio para a terceira safra de feijão no ciclo 2026/27 é de início a partir de abril de 2027.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

A Conab estima a produção de feijão para a safra 2026/27 em 2,93 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 0,7% em comparação com a safra anterior (2025/26), estimada em 2,95 milhões de toneladas. A retração decorre da expectativa de diminuição da produtividade (-0,9%), apesar da expectativa de elevação na área plantada (+0,2%) da cultura no próximo ciclo.

Esse cenário reflete uma queda de área plantada total para o feijão-caupi, que sobrepõem o aumento da área plantada para os feijões cores e preto, devido ao tamanho das áreas de produção do produto. Além disso, a incidência de mosca-branca em algumas lavouras tem contribuído para ampliar o desestímulo ao cultivo em importantes polos produtores. Dessa forma, observa-se uma baixa variação da área total cultivada com os três principais tipos de feijão no país.



No mercado externo, na safra 2025/26, as exportações brasileiras foram revisadas para cima e estão estimadas em 460 mil toneladas. Esse aumento é explicado pela maior demanda de países da Ásia. Para a safra 2026/27, diante da expectativa de menor oferta interna, projeta-se redução das exportações, estimadas em 310 mil toneladas.

Quanto ao consumo interno, este está estimado em 2,68 milhões de toneladas na safra 2025/26 e 2,65 milhões de toneladas na safra 2026/27. Observa-se uma leve tendência de redução no consumo ao longo dos últimos anos, refletindo, principalmente, mudanças nos hábitos alimentares de parte da população brasileira.

Diante desse contexto, os estoques de passagem devem apresentar comportamento próximo da estabilidade. Ao final da safra 2025/26, dezembro de 2026, os estoques são estimados em 98,5 mil toneladas, enquanto para o encerramento da safra 2026/27, dezembro de 2027, são projetados em 135,8 mil toneladas.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020/21		268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9
2021/22		121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1
2022/23		202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8
2023/24		318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.800,0	343,6	396,0
2024/25		396,0	3.059,9	13,2	3.469,1	2.700,0	533,2	235,9
2025/26		235,9	2.950,0	52,6	3.238,5	2.680,0	460,0	98,5
2026/27	set/26	98,5	2.930,2	67,1	3.095,8	2.650,0	310,0	135,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2026.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).

**MILHO****ÁREA**

23.704,7 mil ha

+4,9%

PRODUTIVIDADE

6.244 kg/ha

-2,3%

PRODUÇÃO

148.015,9 mil t

+2,4%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 10 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22		4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23		4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24		3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25		3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26		4.100,7	7.191	29.487,8
2025/26	Out./26	4.540,2	7.071	32.102,5

Fonte: Conab.

A área do milho primeira safra 2026/27 é estimada em 4.540,2 mil hectares, um aumento de 10,7%, que se concentra em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Goiás e Paraná, impulsionado pela demanda das indústrias de etanol de milho em alguns estados e pela maior atratividade econômica frente às culturas concorrentes.

A semeadura nacional alcançou 30,8% da área estimada até o fim de setembro de 2026, estando ligeiramente acima dos 29,1% semeados nesse



mesmo período da safra passada. O maior avanço está no Sul do país, onde o Rio Grande do Sul está com 78%, o Paraná com 72%, contra 77% na safra passada, e Santa Catarina com 65%, apesar das chuvas de setembro. Em Minas Gerais, a semeadura ocorre apenas em áreas irrigadas. Em Goiás e Tocantins, o plantio é pontual e o sequeiro aguarda chuvas.

Nos demais estados, o plantio ainda não começou ou é apenas pontual, acompanhando a chegada das chuvas e a prioridade dada à soja. Em São Paulo, Distrito Federal, Bahia e Mato Grosso do Sul, a semeadura ocorre ao longo de outubro, enquanto no Maranhão e no Piauí, a partir de novembro e dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a área prevista apresenta aumento, com redução da produtividade em relação à excelente safra passada. A expectativa de chuvas acima da média, com menor risco de déficit hídrico nas fases reprodutivas, historicamente um fator limitante da cultura, tem levado os produtores a investir em pacotes tecnológicos. O papel do grão na cadeia de proteína animal e a rentabilidade projetada reforçam o otimismo.

A semeadura atingiu 78% da área prevista, impulsionada pela capacidade operacional dos produtores e por sequências de dias sem chuva. Do total implantado, 17% das lavouras estão em emergência e 83% em desenvolvimento vegetativo.

A semeadura chega a 95% no Noroeste, nas Missões e no Alto Uruguai. Na Campanha e nas Missões, o plantio da primeira janela está praticamente concluído, com bom estande e baixa demanda por ressemeadura. Na região Central, a semeadura ultrapassou 30% da área prevista; no Sul e no restante



da Campanha, está abaixo de 5%; e no Nordeste, onde a janela é mais tardia, a implantação começa a ganhar ritmo.

As geadas de 6 e 7 de setembro causaram danos em lavouras em desenvolvimento vegetativo, mas as perdas foram limitadas pelo estágio pouco sensível e pela curta duração do frio, com replantios isolados em Ijuí, no Planalto Médio. Na última semana de setembro, temporais com vento forte e granizo provocaram erosão, lesões foliares e danos em pivôs de irrigação, com possíveis impactos locais na produção. O monitoramento da cigarrinha-do-milho e dos percevejos segue como prioridade, com ocorrência pontual de lagarta-roscas.

Paraná: o aumento da área reflete a maior atratividade econômica do milho frente às demais culturas de verão. A semeadura alcança 72% da área, abaixo dos 77% registrados na mesma data da safra passada. As chuvas contínuas e a alta umidade de setembro, com encharcamento dos solos e restrição ao tráfego de máquinas, causaram paralisações e atrasos nas principais regiões produtoras. Nas áreas já semeadas, a umidade elevada aumentou o risco fitossanitário e provocou falhas pontuais no estande.

Santa Catarina: o milho teve o maior avanço de implantação entre as culturas de verão em setembro, e a semeadura alcança 65% da área prevista, próxima à da safra passada, com predomínio de áreas em desenvolvimento vegetativo e estado fitossanitário inicial favorável.

O plantio começou mais cedo no Extremo-Oeste e no Oeste, onde a implantação é mais avançada. No Meio-Oeste, foi mais gradual, condicionado à umidade do solo; nos Planaltos e na Serra Catarinense, mais tardio e escalonado, acompanhando as condições térmicas; e no Litoral Sul há áreas implantadas, enquanto no Litoral Norte a participação da cultura é menor. As lavouras estabelecidas apresentam boa germinação, emergência



satisfatória, desenvolvimento vegetativo inicial adequado e bom estado geral.

A elevada umidade do solo favoreceu a germinação, mas restringiu temporariamente as operações mecanizadas. O principal ponto de atenção é o excesso de umidade, além do monitoramento de pragas nas fases iniciais.

Goiás: a estimativa de crescimento de área é favorecida pela ampliação da capacidade de esmagamento para etanol de milho, com novas plantas industriais, que assegura demanda e preços atrativos de balcão no verão. Destaca-se o aumento da área em São João d'Aliança; no Sudoeste e nas demais regiões, prevalece a expectativa de manutenção de área ou cautela dos produtores, apesar da demanda aquecida das indústrias de etanol.

O plantio foi iniciado de forma pontual, restrito a áreas irrigadas sob pivô, em municípios como Cristalina. No sequeiro, a semeadura aguarda a consolidação do período chuvoso, já que a irregularidade das precipitações de setembro mantém limitada a umidade do solo, e deve se intensificar entre outubro e novembro, após o avanço da soja.

Tocantins: a projeção inicial de crescimento da área decorre da melhor previsibilidade de mercado e da demanda interna. A demanda doméstica segue em expansão, impulsionada pela produção de rações e, principalmente, pelo crescimento da indústria de etanol de milho, cujos coprodutos, como farelos, DDG, DDGS e óleo de milho, ampliam a integração com as cadeias de carnes. O consumo para alimentação animal continua elevado, acompanhando o crescimento da produção de aves e suínos.

A precipitação média para setembro, de 20 a 60 milímetros, é insuficiente para a semeadura no sequeiro. Há registro de plantio apenas na várzea, onde o produtor dispõe de recursos para captação de água.



QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica														
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva			Baixa Restrição - Excesso de Chuva			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Média Restrição - Falta de Chuva			Média Restrição - Excesso de Chuva			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Alta Restrição - Falta de Chuva			Alta Restrição - Excesso de Chuva			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2026/27											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Nordeste Paraense	0,55				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
	Sudoeste Paraense	1,20				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
	Sudeste Paraense	2,80				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
TO	Ocidental do Tocantins	0,63				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense	1,72						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,67						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	4,28					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	4,37				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	7,03			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense	0,54			PS	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
GO	Centro Goiano	0,64			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano	1,67			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano	3,04			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
DF	Distrito Federal	0,64			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas	2,56			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Norte de Minas	0,64			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,16			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Central Mineira	0,53			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,58			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	3,64			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,16			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Zona da Mata	0,51			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
SP	Bauru	0,85			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Campinas	1,08			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga	2,00			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,71			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PR	Norte Pioneiro Paranaense	0,55			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense	2,64	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	0,52	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	1,67	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	3,01	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	1,72	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	1,10		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Continua



Legenda - Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2026/27											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
SC	Oeste Catarinense	5,27	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,19		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana	1,35		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí	0,82		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Catarinense	0,62		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	12,44	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	3,10		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,77	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	1,56		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre	0,73		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	1,53	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense	0,63		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2025) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 11 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22		16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23		17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24		16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25		17.427,9	6.499	113.271,4
2025/26		17.824,9	6.326	112.769,0
2026/27	Out./26	18.486,6	6.126	113.254,5

Fonte: Conab.

A colheita do milho segunda safra, da temporada 2025/26, está encerrada. Apesar da redução de área em relação à safra anterior, as boas produtividades



garantiram uma excelente produção, com aproximadamente 112,8 milhões de toneladas.

Para a safra que iniciou em setembro e a semeadura deve acontecer a partir de janeiro, a expectativa é de uma produção de 113,3 milhões de toneladas, baseada em modelos estatísticos que apontam para um aumento de área cultivada.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,33		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,19		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
	Sudeste Paraense	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	0,77	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
	Oriental do Tocantins	1,28	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
MA	Sul Maranhense - MA	0,83		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PI	Sudoeste Piauiense	0,33		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	35,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	9,15	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,45	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,73	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	6,39	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	1,73	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,03	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,78	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
GO	Norte Goiano	0,20	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	10,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
DF	Distrito Federal	0,21	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	



Legenda - Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MG	Noroeste de Minas	0,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Sul/Sudoeste de Minas	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
SP	Assis	1,05			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,61			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
PR	Noroeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense	2,88	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Norte Central Paranaense	3,86		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,44		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Paranaense	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Oeste Paranaense	4,62	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,39	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 12 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2021/22		662,1	3.341	2.211,9
2022/23		637,1	3.664	2.334,6
2023/24		650,1	3.868	2.514,9
2024/25		635,1	4.714	2.993,6
2025/26		674,9	3.322	2.242,2
2026/27	Out/26	677,9	3.922	2.658,9

Fonte: Conab.

O milho terceira safra, contabilizado na temporada 2025/26, sofreu com as intempéries climáticas em boa parte das regiões produtoras.



A colheita avança no Sealba, e os resultados obtidos confirmam a redução do potencial produtivo provocada pela irregularidade e insuficiência das chuvas ao longo do ciclo. A restrição hídrica, principalmente durante a floração, a formação das espigas e o enchimento dos grãos, resultou em menor desenvolvimento das plantas, espigas desuniformes e grãos pequenos e chochos.

Nas áreas mais afetadas, parte das lavouras foi destinada à produção de silagem ou ao pastejo. O tempo seco em setembro favoreceu a maturação e a colheita, mas não reverteu as perdas já consolidadas.

ANÁLISE ESTADUAL

Alagoas: a colheita do grão teve início em setembro, com previsão de finalizar até a primeira quinzena de outubro, devido à redução da área destinada para colheita do milho grão. As lavouras colhidas, até agora, não têm apresentado bom rendimento, com cerca de 40 scs/ha, em razão do pouco desenvolvimento da espiga e dos grãos, ocasionada pela falta de chuva no período de floração e formação/enchimento dos grãos.

Sergipe: em setembro, as chuvas permaneceram escassas e irregulares, e a colheita alcançou 18% da área, com previsão de intensificação na primeira quinzena de outubro. Os resultados iniciais confirmam perdas expressivas e grande variação dos rendimentos entre as regiões e até mesmo entre áreas próximas, em razão da distribuição irregular das chuvas.

A restrição hídrica, principalmente durante a floração e o enchimento dos grãos, resultou em espigas desuniformes e grãos pequenos, leves e chochos. Em algumas áreas, os baixos rendimentos levaram à interrupção da colheita para grãos e ao aproveitamento da planta seca triturada na alimentação animal.



Bahia: em setembro, praticamente não houve registro de chuvas nas regiões produtoras de grãos no estado. A estiagem favorece a colheita do milho terceira safra 2025/26 irrigado, no centro- norte e oeste, e sequeiro, no nordeste. Por outro lado, o rendimento está muito inferior à safra 2024/25, devido ao prolongamento da seca no nordeste da Bahia.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2025/26								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RR	Sul de Roraima	1,23	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Norte de Roraima	4,29	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
PE	Sertão Pernambucano	0,64	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Agreste Pernambucano	1,41	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
AL	Sertão Alagoano	0,75	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Agreste Alagoano	1,78	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Alagoano	0,47	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SE	Sertão Sergipano	24,16	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Agreste Sergipano	17,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Leste Sergipano	3,44	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano**	1,56	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Nordeste Baiano	41,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Centro Norte Baiano**	0,37		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2025/26 de milho, a Conab mensura uma produção total de 144,5 milhões de toneladas, um crescimento de 2,4%, comparando-se com a safra anterior. No mercado interno, o consumo previsto para 2026 é de 98,3



milhões de toneladas, um aumento de 7,9% em relação à safra anterior. Esse crescimento é atribuído principalmente ao aumento da utilização do milho na produção de etanol, que vem ganhando cada vez mais relevância no setor energético.

Quanto ao comércio internacional, o volume importado está previsto em 1,7 milhão de toneladas na safra 2025/26. As exportações, por sua vez, dado o desempenho de agosto e setembro, sofreram revisão para baixo e deve atingir 43,9 milhões de toneladas na mesma safra. Ao final da safra, os estoques de milho devem alcançar 16 milhões de toneladas em fevereiro de 2027.

Para a safra 2026/2027, espera-se um crescimento de 10,7% na área cultivada para a safra verão, dando sequência ao aumento que houve na safra anterior. Esse avanço foi motivado pela expectativa de preços mais favoráveis, considerada no momento da definição da área, no segundo semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 3,7% na área plantada. Essa expansão é sustentada pela continuidade do modelo produtivo soja/milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 3,2% na produtividade deverá manter um baixo crescimento de 0,4% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2026/27 deverá atingir 148 milhões de toneladas, representando um aumento de 2,4% em comparação com o ciclo anterior.



No panorama de abastecimento, a safra 2026/27 deverá apresentar um avanço de 6,6% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem encerrar o ciclo com um volume de 14,9 milhões de toneladas.

TABELA 13 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL*
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	84.106,2	38.500,9	1.773,5
2024/25	1.773,5	141.157,6	1.845,8	144.776,9	91.081,8	41.631,5	12.063,6
2025/26	12.063,6	144.499,0	1.700,0	158.262,6	98.302,1	43.916,2	16.044,3
2026/27	set/26	16.044,3	148.015,9	1.700,0	165.760,2	104.811,1	46.016,8
							14.932,3

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em outubro /2026.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).

**SOJA****ÁREA**

49.305,8 mil ha

+1,4%

PRODUTIVIDADE

3.683 kg/ha

-0,8%

PRODUÇÃO

181.616,6 mil t

+0,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 14 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		39.762,0	3.525	140.179,3
2021/22		41.793,8	3.130	130.828,7
2022/23		44.514,7	3.575	159.154,3
2023/24		46.095,9	3.282	151.283,4
2024/25		47.346,1	3.622	171.480,5
2025/26		48.608,6	3.711	180.406,6
2026/27	Out/26	49.305,8	3.683	181.616,6

Fonte: Conab.

Com a safra 2025/26 concluída em 180,4 milhões de toneladas do grão, o primeiro levantamento da safra 2026/27 estima a produção da soja em 181,6 milhões de toneladas, um ligeiro aumento de 0,7%. Tal crescimento é sustentado pelo incremento de 1,4% sobre a área prevista para o plantio da cultura no atual ciclo. A expansão deverá ser mais expressiva no Norte e no Nordeste, com destaque para Rondônia, Tocantins, Piauí e Maranhão, e menor no Centro-Oeste e no Sul, onde a área fica próxima da estabilidade. A cautela nas decisões de investimento e as incertezas relacionadas ao El Niño limitam novos aumentos.



Até o final de setembro, a semeadura nacional alcançava 9,4% da área estimada. O avanço está no Paraná, com 28%, em Mato Grosso do Sul, com 15%, e em Mato Grosso, com 14%, enquanto em Goiás, Bahia e Minas Gerais o plantio é pontual e restrito a áreas irrigadas ou de solos mais favoráveis.

Nos demais estados, o plantio ainda não começou ou é incipiente, condicionado ao calendário usual de cultivo, à vigência de vazio sanitário e/ou à chegada das chuvas de maneira mais regular. No Rio Grande do Sul, os produtores estão na preparação das áreas, e em São Paulo, o plantio está atrasado devido ao excesso de chuvas e deve se concentrar na primeira quinzena de outubro. Em Santa Catarina, a semeadura é incipiente, com 0,1% da área. Em Tocantins, o calendário abriu em 1º de outubro; no Maranhão, o plantio ocorre a partir de outubro no sul, com o fim do vazio sanitário e; no Piauí, a semeadura fica para novembro e dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o regime de chuvas começa a ficar mais regular, melhorando gradualmente a umidade do solo e criando condições para intensificar a semeadura, que ainda ocorre de forma incipiente. Mesmo com os riscos associados ao El Niño, como veranicos, a perspectiva é de continuidade do aumento da área, embora com taxa de expansão menor que a de anos mais recentes.

É provável uma redução no pacote tecnológico devido às condições de aquisição de insumos e de maior cautela nos investimentos.



Paraná: o incremento de área é impulsionado pela atratividade econômica da oleaginosa, com acomodação e recuo nos preços de insumos em relação aos patamares de custo anteriores.

A semeadura alcança 28% da área, mas a chuva contínua e a alta umidade registrada em setembro causaram encharcamento, restrição ao tráfego de máquinas e paralisações nas principais regiões produtoras. Nas áreas semeadas, a umidade elevada aumentou o risco fitossanitário e provocou falhas pontuais no estande.

Goiás: a intenção de área cultivada indica estabilidade em relação ao ciclo anterior, com expectativa de leve expansão em Cristalina e redução em São João d'Aliança, onde a soja é substituída pelo milho.

A semeadura foi iniciada de forma pontual, apenas em áreas irrigadas sob pivô e em poucas localidades de sequeiro com solos de melhor estrutura, boa palhada e chuvas acumuladas próximas ou superiores a 100 mm. No geral, o sequeiro permanece parado, aguardando regime regular de chuvas.

Setembro teve contraste climático. O leste teve tempo seco, calor de até 39 °C e chuvas irregulares, mantendo a restrição hídrica no solo, enquanto o sudoeste registrou volumes mais expressivos, como 128 mm em Mineiros e 85 mm em Rio Verde, com calor elevado que preocupa pelo risco de escaldadura de plântulas. A previsão de chuvas mais regulares em outubro é determinante para a intensificação do plantio, e os produtores seguem no preparo do solo e na aquisição de insumos.

Rio Grande do Sul: a expectativa de maior regularidade hídrica durante o ciclo sustenta a recuperação da produtividade em relação a safras marcadas por estiagens, embora as expectativas sejam mais cautelosas em algumas



regiões. A expansão da soja safrinha, em sucessão ao milho, é uma tendência importante.

A semeadura ainda não começou na maior parte do estado. Os produtores estão na compra e no tratamento de sementes, fertilizantes e defensivos, na regulação das semeadoras e na dessecação das plantas de cobertura.

O calendário regular inicia em 1º de outubro, após o fim do vazio sanitário, e a semeadura deve se intensificar a partir de outubro, condicionada à umidade do solo. A autorização excepcional para semear a partir de 15 de setembro teve adesão restrita, pelas exigências de cadastro e manejo e pelo risco de perder a cobertura do Proagro e do seguro rural fora da janela do Zarc. Nas Missões e na Campanha, cerca de 2% da área já foi semeada, em emergência.

Por região, o quadro é heterogêneo. Há redução em Campo Novo e Palmeira das Missões, onde parte da área migra para o milho, e também nas regiões Central e da Campanha. Em Frederico Westphalen, a tendência é de manutenção, porque as chuvas dificultaram o milho na janela ideal. No Sul, há expectativa de expansão, e no Noroeste, de relativa estabilidade. A semeadura deve ganhar ritmo em Cruz Alta, Ijuí, Ibirubá, Sarandi, Três de Maio, Frederico Westphalen, Palmeira das Missões e demais áreas do Noroeste.

As temperaturas baixas de setembro não limitam a cultura, mas podem retardar as primeiras lavouras.

Mato Grosso do Sul: com exceção do extremo-norte e do nordeste, onde a umidade foi menor, as chuvas bem distribuídas e as temperaturas adequadas favoreceram a emergência das plântulas, embora parte das operações tenha sido interrompida pelo período chuvoso.



A semeadura, com previsão de se estender até o início de dezembro, está concentrada nas regiões sul e de fronteira, de forma ainda incipiente. O elevado volume de chuvas e os curtos intervalos de sol dificultam o trabalho no campo e podem atrasar o plantio, principalmente entre produtores com menor disponibilidade de máquinas. Há expectativa de redução em municípios do sul, sudeste e nordeste, onde a área migra para mandioca, eucalipto, amendoim e cana-de-açúcar em solos mais arenosos.

Bahia: nos últimos 30 dias praticamente não houve chuva nas regiões produtoras, apenas precipitações irregulares e esparsas no oeste, insuficientes para o início do cultivo de sequeiro, que não foi iniciado. Os agricultores aguardam chuvas mais volumosas para o manejo do solo e a semeadura.

Começou o cultivo da soja irrigada, mas as altas temperaturas e a baixa umidade podem prejudicar a fase inicial do desenvolvimento vegetativo.

Tocantins: há crescimento com abertura de áreas e da conversão de pastagem degradada em lavouras. Em áreas consolidadas, pode haver substituição da soja pelo milho, por causa da melhor previsibilidade de preços para o cereal e da demanda interna da cadeia do etanol e de ração.

A janela de semeadura vai de 1º de outubro a 15 de janeiro. A precipitação prevista para outubro, de 40 mm a 100 mm, com maiores volumes no oeste, no noroeste e no centro, deve permitir maior avanço da semeadura nessas regiões.

Maranhão: o estado está em vazio sanitário em todas as regiões produtoras, e o plantio deve começar em outubro, no sul, dependendo da regularidade das chuvas, estendendo-se até fevereiro de 2027. Para o sul, a previsão é de manutenção ou aumento moderado da área, mas a tendência é de atraso das chuvas, que na região de Balsas são previstas apenas para novembro. Os



produtores aguardam as condições climáticas, e a área será acompanhada nos próximos meses, com possível ajuste com o início das chuvas.

São Paulo: setembro foi um mês chuvoso em vários municípios, e no sudoeste, onde se concentram as maiores áreas, o acumulado passou de 300 mm, 200 mm acima da média.

O excesso de chuva atrasou a colheita do trigo, e muitos agricultores adiaram o plantio da soja ou semearam sobre a palha do trigo com solo encharcado, o que, somado às baixas temperaturas, causou compactação e anomalias de germinação, como cotilédones tortos. As chuvas também prejudicaram a entrega de fertilizantes.

Apesar do atraso, a expectativa é de área estável ou em crescimento.

Piauí: a semeadura ocorre historicamente em quase sua totalidade em novembro, no cerrado do sudoeste, mas, com o El Niño, deve atrasar e avançar por dezembro e início de janeiro. Mesmo com condições climáticas menos favoráveis, a perspectiva é de aumento de área, e a produtividade deve ficar abaixo da safra anterior.

Santa Catarina: durante grande parte de setembro, as áreas ficaram em preparo, com dessecação e correção. A janela de semeadura da Região II abriu em 22 de setembro, e a implantação é ainda muito incipiente, com 0,1% da área, em emergência.

No Extremo-Oeste, no Oeste e no Meio-Oeste, produtores com preparo concluído aproveitam as janelas de tempo firme para um início de semeadura localizado. No Planalto Norte e nos demais municípios da Região II, predominam o preparo e o início pontual do plantio, enquanto na Serra e



no Planalto Sul, a implantação ocorre mais tarde, por causa das condições térmicas. No Litoral Sul, na Região I, o plantio só inicia em outubro.

A disponibilidade hídrica é favorável ao início da safra, mas os solos tiveram elevada umidade em vários períodos. O principal ponto de atenção é evitar semear sob saturação, para reduzir os riscos de compactação, selamento superficial, baixa oxigenação, falhas de emergência e desenvolvimento inicial irregular.

Rondônia: as condições climáticas evoluem de forma favorável ao início da semeadura, com a retomada gradual das chuvas, mas o monitoramento segue fundamental diante das incertezas associadas ao El Niño quanto à distribuição e à regularidade das chuvas no início da safra.

Setembro marca a abertura da semeadura, com prazo de plantio até 9 de janeiro de 2027, dentro do calendário de controle da ferrugem-asiática. Há registros pontuais de semeadura de 0,3% da área, em emergência, com os produtores atentos à umidade do solo e à distribuição das chuvas.

Distrito Federal: os produtores aguardam a normalização das chuvas e melhores condições de umidade do solo para iniciar a semeadura, prevista para 30% em outubro, 60% em novembro e 10% em dezembro.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda - Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2026/27								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,15		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PA	Sudeste Paraense	2,15		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C

Continua



Legenda - Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2026/27								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
TO	Ocidental do Tocantins	1,74		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,34		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Sul Maranhense	1,42		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,11		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	5,19		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	18,80	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	6,18	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,84	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Mato-grossense	4,01	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,22		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,36		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,23	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,82		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,82		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,68		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	8,40		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C		
MG	Noroeste de Minas	1,56		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,68		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
SP	Assis	0,61		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Itapetininga	0,79		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,40	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,10		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,00		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,24		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	2,38	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,15	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,84		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	0,94		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	0,87		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	4,26		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,68		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,83		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,88		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	0,94		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2025) / Conab.



OFERTA E DEMANDA

Em outubro, a Conab divulga o primeiro quadro de oferta e demanda de soja para a safra 2026/27.

As projeções para a safra brasileira de soja 2026/27 indicam crescimento de aproximadamente 1,4% da área cultivada, estimada em 49,31 milhões de hectares. Caso se confirme, essa será a menor expansão percentual registrada nos últimos 20 anos. O avanço mais moderado deverá refletir, principalmente, o estreitamento das margens dos produtores e a menor atratividade econômica para a incorporação de novas áreas.

A produtividade média, por sua vez, deverá apresentar recuo de aproximadamente 0,8%. A redução esperada está associada, sobretudo, aos elevados rendimentos registrados na safra 2025/26, quando diversos estados alcançaram produtividades recordes, além das incertezas climáticas para o próximo ciclo. Mesmo diante desse cenário, a produção brasileira deverá atingir 181,62 milhões de toneladas, frente às 180,4 milhões de toneladas obtidas em 2025/26. O crescimento de 0,7% deverá ser suficiente para estabelecer um novo recorde para a produção nacional de soja.

Pelo lado da demanda, as exportações brasileiras de soja em grãos são projetadas em 117,96 milhões de toneladas, aumento de 1,76 milhão de toneladas em relação à safra anterior. Apesar do avanço esperado, o crescimento dos embarques deverá ocorrer de forma moderada, diante da expansão limitada da oferta brasileira e da maior concorrência dos Estados Unidos, cuja produção de soja poderá alcançar volume recorde na temporada 2026/27.

No mercado doméstico, a demanda por soja deverá permanecer aquecida,



especialmente diante da possibilidade de ampliação do percentual obrigatório de biodiesel misturado ao diesel. A medida tende a elevar o consumo de óleo de soja e, conseqüentemente, estimular o processamento do grão. Nesse contexto, o esmagamento deverá alcançar 63,76 milhões de toneladas em 2026/27, acréscimo de 1,97 milhão de toneladas em relação ao ciclo anterior.

A maior demanda por biodiesel, somada ao crescimento do consumo de proteína vegetal, deverá contribuir para a expansão da produção dos principais derivados da soja. Para 2026/27, são esperadas produções de aproximadamente 49,08 milhões de toneladas de farelo e 12,78 milhões de toneladas de óleo de soja, garantindo ampla disponibilidade desses produtos no mercado doméstico. As vendas internas de farelo deverão alcançar 22 milhões de toneladas, crescimento de 3,17%, enquanto as de óleo de soja são estimadas em 11,63 milhões de toneladas, avanço de 10,45%.

No mercado externo, as exportações de farelo de soja deverão atingir 27,1 milhões de toneladas, alta de 3,06%. Para o óleo de soja, por outro lado, os embarques são projetados em 1,4 milhão de toneladas, queda de 26,32%. Essa retração deverá ocorrer após o elevado volume exportado em 2026, favorecido pela não implementação do B16, além da perspectiva de maior direcionamento do óleo para o mercado doméstico diante do crescimento da demanda para a produção de biodiesel.

Apesar do maior consumo interno e do conseqüente ajuste na disponibilidade, os estoques finais de soja em grãos, farelo e óleo deverão permanecer em níveis suficientes para atender à demanda, sem indicação de risco de desabastecimento. Entretanto, a redução dos estoques tende a deixar o balanço de oferta e demanda brasileiro mais ajustado, aumentando a sensibilidade do mercado a eventuais perdas de produtividade, alterações na demanda doméstica ou mudanças no ritmo das exportações.



TABELA 15 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2025/26	9.974,6	180.406,6	900,0	191.281,2	65.547,8	116.203,8	9.529,7
	2026/27	9.529,7	181.616,6	900,0	192.046,3	67.541,6	117.966,2	6.538,5
FARELO	2025/26	3.802,4	47.576,7	1,0	51.380,1	21.400,0	26.295,9	3.684,1
	2026/27	3.684,1	49.082,4	1,0	52.767,5	22.078,4	27.100,0	3.589,1
ÓLEO	2025/26	660,6	12.453,6	100,0	13.214,2	10.529,0	1.900,0	785,2
	2026/27	785,2	12.780,8	100,0	13.665,9	11.629,0	1.400,0	636,9

Fonte: Conab e Secex.
Nota: Estimativa em outubro/2026.
Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).

**TRIGO****ÁREA**

1.928,8 mil ha

-21,1%

PRODUTIVIDADE

2.973 kg/ha

-7,6%

PRODUÇÃO

5.734,9 mil t

-27,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 16 - TRIGO

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020		2.040,5	2.526	5.154,7
2021		2.341,5	2.663	6.234,6
2022		2.739,3	2.803	7.679,4
2023		3.473,4	2.331	8.096,8
2024		3.058,7	2.579	7.889,3
2025		2.445,9	3.219	7.873,4
2026	Set/26	1.927,1	2.978	5.739,7
	Out/26	1.928,8	2.973	5.734,9

Fonte: Conab.

As operações de colheita avançaram, mesmo em meio ao cenário de chuvas em algumas das regiões produtoras. Ao todo, pouco mais de um terço da área nacional havia sido colhida ao final de setembro. Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul já concluíram suas operações e não tiveram tantas intercorrências com as precipitações durante a colheita. Já no Sul do país e em São Paulo, a maior pluviosidade do último mês trouxe dificuldades para a maturação e secagem dos grãos, bem como para a execução da colheita, que é mecanizada. Além disso, a alta umidade predispõe a cultura a doenças



fúngicas como Giberela e Brusone, que se beneficiam desse microclima, e reduz a qualidade dos grãos colhidos fora do padrão de secagem ideal.

No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, a colheita está no início, com as lavouras ainda entre floração, enchimento de grãos e maturação, e a expectativa é de que ganhe ritmo a partir da segunda quinzena de outubro.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: as primeiras áreas colhidas reforçam o indicativo de redução da produtividade e da qualidade dos grãos em relação à safra anterior. Metade das lavouras está em enchimento de grãos, um quarto em maturação e o restante em floração e desenvolvimento vegetativo.

Na Campanha e nas Missões, tempestades e granizo causaram danos significativos em algumas lavouras, sobretudo nas que estavam em enchimento de grãos e maturação. Os dias nublados, a elevada umidade e as temperaturas amenas favorecem a giberela e a brusone.

Paraná: a colheita alcança 62% da área, com 64% das lavouras em boa condição, 29% regular e 7% ruim. As chuvas intensas e os ventos fortes de setembro causaram acamamento em diversas áreas e aumentaram a preocupação com doenças fúngicas e com a qualidade dos grãos.

A falta de janelas de tempo seco paralisa e atrasa a colheita, cujo avanço depende da redução da umidade dos grãos, e a permanência do trigo no campo o expõe a novas chuvas.

São Paulo: a colheita alcança 55% da área. O cereal está extremamente comprometido pelas chuvas, com parte do que já foi colhido abaixo do



padrão e, para muitos produtores, não atingiu o tipo para ser comercializado. O trigo que permanece nas lavouras aguarda melhores condições climáticas para a colheita.

Santa Catarina: as lavouras apresentam condição predominantemente satisfatória, com forte diferenciação entre as regiões. No Oeste e no Extremo-Oeste predominam espigamento, florescimento, enchimento de grãos e início de maturação; no Meio-Oeste, o quadro é heterogêneo; e no Planalto Norte, no Planalto Sul e na Serra o desenvolvimento é mais tardio. O potencial produtivo permanece preservado, mas setembro mudou o perfil de risco da cultura.

A umidade elevada favoreceu oídio, ferrugens, manchas foliares, doenças de espiga e, nas áreas em florescimento, a giberela, além de acamamento localizado e danos pontuais por granizo. As chuvas reduziram as janelas para aplicação de fungicidas e, com o enchimento e a maturação, passam a ameaçar o peso hectolítrico e a qualidade dos grãos.

Goiás: a colheita está encerrada. No trigo irrigado, as produtividades ficaram abaixo da média inicial esperada, por causa da brusone, da suscetibilidade das cultivares e de chuvas fora de época no fim do ciclo. No sequeiro, o resultado surpreendeu em relação às estimativas feitas durante o enchimento de grãos, marcado pela falta de chuvas, e as cultivares tolerantes ao estresse hídrico tiveram desempenho superior.

Mato Grosso do Sul: a colheita está encerrada. As chuvas da primeira quinzena de setembro interromperam os trabalhos, concluídos no breve intervalo de tempo firme que se seguiu. O desenvolvimento inicial foi satisfatório, mas a alta umidade na floração favoreceu a giberela e a brusone, e a produtividade ficou abaixo do estimado, também afetada, na região oeste, pela redução da tecnologia aplicada.



A qualidade atendeu aos requisitos de classificação, e parte da produção será armazenada como semente salva, embora uma parcela das lavouras tenha sido classificada como triguilho.

Bahia: as lavouras têm bom desenvolvimento, e cerca de metade já foi colhida, com o restante entre enchimento de grãos e maturação. As altas temperaturas são limitantes, mas a irrigação, a elevada radiação solar e o manejo tecnificado favorecem as lavouras, sem relatos de perdas por pragas e doenças.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda - Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,57	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO**	Leste Goiano** (tirar os asteriscos)	0,86	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Goiano	0,57	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas**	1,24	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	1,86	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,96	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Campo das Vertentes	1,15	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SP	Bauru	0,73	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Itapetininga	4,25	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,88	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	5,09	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	4,78	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
	Centro Oriental Paranaense	4,05		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Oeste Paranaense	3,99	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	6,62	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	4,14		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	1,23		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,56		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Catarinense	0,81		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Serrana	1,15		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C

Continua



Legenda - Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RS	Noroeste Rio-grandense	36,23		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense	2,69			S	S/E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	3,18		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	0,77		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	4,49		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,66		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(**) Parte irrigado

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

O preço do trigo em grãos apresentou alta no último mês nas principais praças produtoras do Brasil, Paraná e Rio Grande do Sul. No Paraná, as cotações passaram de R\$ 75,77 em agosto para R\$ 81,18 em setembro, aumento de 7,14%. No Rio Grande do Sul, o preço médio subiu de R\$ 69,87 para R\$ 71,89 no mesmo período, variação positiva de 2,89%. O movimento de alta foi acompanhado pela valorização dos preços médios internacionais.

No cenário global, as cotações internacionais apresentaram oscilações ao longo de setembro, com viés de baixa no encerramento do mês. Após atingir picos de US\$ 357,24 por tonelada em setembro, o trigo Hard norte-americano recuou para US\$ 334,92 por tonelada no início de outubro. O preço do trigo futuro, em Kansas, apresentou a maior valorização entre os principais mercados analisados, passando de US\$ 263,09 para US\$ 290,65 por tonelada, aumento de 10,48%.



Esse movimento foi favorecido pela redução das tensões logísticas no Oriente Médio e no Mar Negro, que possibilitou a liberação de volumes de trigo anteriormente retidos na região, além do baixo ritmo das exportações norte-americanas. Na Argentina, o preço médio subiu de US\$ 241,76 em agosto para US\$ 260 por tonelada em setembro.

A Conab revisou os números referentes à área, produção e produtividade do trigo. A estimativa é que sejam plantados 1.928,8 mil hectares, redução de 21,1% em relação à safra anterior, e colhidas 5.734,9 mil toneladas, volume 27,2% inferior ao registrado na última safra. A produtividade média está estimada em 2.973 kg/ha, queda de 7,6% em relação ao ano anterior. A redução da área e da produtividade contribui para a diminuição expressiva da produção nacional.

Para a safra 2026, o volume estimado de importação é de 7.056,6 mil toneladas devido à menor produção interna. A previsão de consumo é de 12.000 mil toneladas, enquanto as exportações devem atingir 1.494,1 mil toneladas, resultando em uma demanda total de 13.494,1 mil toneladas.

Diante desse cenário, a previsão é encerrar a safra 2026 com estoques finais de 1.062,5 mil toneladas. Este volume é ligeiramente inferior ao apresentado no levantamento anterior, a produção nacional significativamente menor mantém elevada a dependência das importações para o abastecimento interno. Assim, o comportamento dos preços internacionais, especialmente nos principais fornecedores do Brasil, e a evolução da produção nacional, serão fatores determinantes para a formação dos preços do trigo no mercado brasileiro nos próximos meses.



TABELA 17 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.079,0	15.817,1	11.849,8	3.028,3	939,0
2022	939,0	10.554,4	4.514,2	16.007,7	11.894,1	2.654,0	1.459,6
2023	1.459,6	8.096,8	5.699,9	15.256,3	11.943,6	2.791,0	521,7
2024	521,7	7.889,3	6.822,2	15.233,2	11.890,6	1.872,6	1.470,0
2025*	1.470,0	7.873,4	6.129,4	15.472,8	11.890,4	1.817,3	1.765,1
2026**	set/26	1.765,1	5.739,7	7.056,6	14.561,4	12.000,0	1.067,3
	out/26	1.765,1	5.734,9	7.056,6	14.556,6	12.000,0	1.062,5

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em outubro/2026.

**Previsão

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Tocantins: o plantio da cultura ainda não foi iniciado. A precipitação total prevista para setembro no estado varia de 20 mm a 60 mm, chuvas consideradas insuficientes para a semeadura no sequeiro. Contudo, o produtor avaliará o melhor momento para o plantio, uma vez que outubro aponta para acumulados de 60 mm a 80 mm na região sul do estado.

Minas Gerais: dada a boa margem da cultura e a instalação de beneficiadora no estado, há expectativa de manutenção das áreas cultivadas com o amendoim.

Paraná: a umidade adequada no solo e o aquecimento das temperaturas com a chegada da primavera têm garantido boas condições para o início da semeadura e à germinação das lavouras no estado.

O cultivo no estado é pouco expressivo, com áreas bastante reduzidas e a nova safra encontra-se em fase inicial de implantação, somando 5% da área semeada, dos quais 75% estão em germinação e 25% em desenvolvimento vegetativo.

No aspecto comercial, a produção paranaense está concentrada principalmente nas regiões de Paranavaí e Umuarama, destinada em grande parte à indústria de doces e ao comércio varejista. Nas demais regiões, onde o cultivo ocorre em menor escala, a produção supre pequenas indústrias locais, o comércio e feiras regionais.



São Paulo: a cultura do amendoim sofreu uma expressiva redução de área cultivada nas últimas safras. Isso ocorreu devido ao custo de produção e ao preço comercializado, especialmente no mercado internacional, reflexo de conflitos entre os maiores países importadores e também pelo fato de o produto não ser considerado uma commodity.

Na última safra, São Paulo respondeu por cerca de 80% da produção nacional. Os principais polos foram Jaboticabal e Presidente Prudente 12,5%, Ribeirão Preto e Assis 9,6%, Marília 8,6% e Tupã 8%. Somadas, essas regiões representam 60% da produção paulista.

GERGELIM

Mato Grosso: o plantio da safra não foi iniciado. O gergelim consolidou-se como importante opção na segunda safra estadual, tanto no que se refere à magnitude da área plantada, que já supera culturas tradicionais como o arroz e os feijões, quanto no que diz respeito a sua abrangência, uma vez que a cultura deixou de se restringir ao Vale do Araguaia e se estendeu para praticamente todo o estado.

Neste momento, a maior parte da safra colhida em 2025/26 já foi comercializada, cerca de 85%, com preços médios, a depender da variedade e do padrão de exportação.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: a cultura do girassol na safra 2026/27 no estado apresenta uma manutenção na área cultivada (6 mil hectares) em relação ao ciclo



anterior. Para o presente período, estima-se uma produtividade de 1.694 kg/ha, potencial que permanece condicionado ao comportamento do clima ao longo do ciclo.

A manutenção da área estimada decorre da desistência de cultivo por produtores eventuais que buscaram mitigar riscos, enquanto os agricultores com tradição no cultivo optaram por manter suas áreas.

Nesse cenário, o plantio encontra-se concentrado em um grupo restrito de produtores que recorrem a operações de barter com empresas privadas para custear os insumos e assegurar o recebimento e a comercialização da produção.

Em relação ao progresso dos trabalhos de campo, a semeadura avançou de forma expressiva ao longo de agosto e setembro, atingindo 82% da área projetada no estado. A totalidade das lavouras estabelecidas encontra-se na fase de desenvolvimento vegetativo, apresentando bom estande de plantas e evolução fenológica adequada. Sob o ponto de vista agroclimático e fitossanitário, o desempenho da lavoura tende a ser superior em anos caracterizados por estiagem, condição favorável ao desenvolvimento do girassol.

Nas regiões produtoras do Rio Grande do Sul, a condução das lavouras apoia-se no uso de variedades híbridas, selecionadas por seu elevado potencial produtivo e pela tolerância ao complexo de doenças. Por outro lado, o avanço da área nessas localidades é diretamente limitado pelas incertezas climáticas e pela exigência de uma logística de recebimento estruturada nas unidades de armazenagem, as quais condicionam a absorção dos grãos à capacidade de volume disponível.



MAMONA

Bahia: a expectativa é de manutenção da área e produtividade levemente inferior à safra passada.

Em setembro de 2026, as condições climáticas observadas na região centro norte da Bahia foram marcadas pela ausência de precipitações pluviométricas e pela predominância de tempo firme.

SORGO

A colheita da safra 2025/26 está finalizada. A área cultivada aumentou em relação à safra anterior, principalmente pela utilização do sorgo em áreas onde o milho segunda safra não pôde ser semeado dentro da janela adequada.

As condições iniciais foram favoráveis em grande parte das regiões produtoras, mas a redução e a irregularidade das chuvas prejudicaram, principalmente, as lavouras semeadas mais tarde.

Com isso, a produtividade média ficou abaixo da safra anterior, embora o aumento da área tenha resultado em maior produção.



QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2025/2026								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PA	Sudeste Paraense	3,93		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	1,18		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,44		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	2,74	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,13		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,92		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,90		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Centro Goiano	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Leste Goiano	7,42		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano	27,47		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
DF	Distrito Federal	2,26			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	6,00		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	18,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Araçatuba	1,94			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP	Bauru	3,67			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Campinas	1,09			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	1,54			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	1,79			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: as lavouras apresentam elevada heterogeneidade quanto aos estádios de desenvolvimento, em razão das diferentes épocas de semeadura. Quanto à fenologia, aproximadamente 3% das áreas encontram-se em desenvolvimento vegetativo, 18% em floração, 51% em enchimento de grãos, 23% em maturação e 5 % colhidas. Nas regiões mais adiantadas, como no Alto Uruguai e Missões, a colheita começa a ganhar ritmo, enquanto em outras, como Planalto Superior, ainda há maior concentração de áreas em maturação.

As condições climáticas observadas ao longo do ciclo, especialmente baixa luminosidade, excesso de chuvas, elevada umidade relativa do ar, variações de temperatura, geadas e ocorrência de doenças, têm limitado o potencial produtivo e, em algumas regiões, também comprometido a qualidade dos grãos.

O menor nível de investimento adotado pelos produtores constitui outro fator de restrição ao desempenho da cultura. Nas regiões do Alto Uruguai e Missões, a situação é bastante heterogênea. Em Sarandi e Três de Maio, a produtividade média foi revisada para 2.250 kg/ha, redução de 150 kg/ha em relação ao levantamento anterior. Cerca de 90% das lavouras encontram-se em maturação e 10% foram colhidas, visto que os primeiros resultados confirmam produtividade e qualidade, especialmente o peso específico, abaixo do esperado.



Em Frederico Westphalen, a produtividade projetada ficou em 2.325 kg/ha, redução de aproximadamente 3%. As lavouras encontram-se em fase final de ciclo, com 2% em florescimento, 26% em enchimento, 55% em maturação e 17% colhidas. A baixa expectativa de rendimento levou alguns produtores a destinar parte das áreas para cobertura do solo. Já em Campo Novo, são estimados cerca de 7 mil hectares, com produtividade média de apenas 1.500 kg/ha. Os primeiros resultados de colheita também apontam desempenho inferior ao inicialmente esperado.

No Planalto Médio, região onde localiza-se Palmeira das Missões, houve aumento da área cultivada, estimada em aproximadamente 12 mil hectares, com expectativa de produtividade próxima de 2.500 kg/ha. O avanço fenológico é mais heterogêneo, com 5% das lavouras em florescimento, 50% em enchimento de grãos, 25% em maturação e 20% já colhidas. As geadas ocorridas em agosto, a ocorrência de ferrugem-da-folha e a baixa luminosidade durante o ciclo são apontadas como fatores que podem reduzir o rendimento e a qualidade dos grãos.

Em Ijuí, predominam lavouras em enchimento de grãos e maturação, com início da colheita nas áreas mais adiantadas. Períodos de maior luminosidade em setembro favoreceram o desenvolvimento e contribuíram para reduzir a pressão de doenças. Os primeiros resultados, ainda não representativos de toda a região, indicaram rendimentos próximos a 1.980 kg/ha nas lavouras de menor investimento.

Nas regiões da Campanha, Sul e Central, o desenvolvimento das lavouras apresenta diferentes estádios em razão da época de semeadura e das condições locais. Na Campanha, encontram-se áreas desde o desenvolvimento vegetativo até a maturação. Na região Sul, predominam lavouras em florescimento e enchimento de grãos. Na região Central, predominam os estádios de florescimento e enchimento.



No Planalto Superior, a mais atrasada, as condições de desenvolvimento foram prejudicadas pela ocorrência de chuvas torrenciais, períodos prolongados de baixa luminosidade, elevada umidade relativa e grandes oscilações de temperatura. Esses fatores contribuíram para a formação de plantas menos vigorosas, além de favorecerem processos de erosão e lixiviação de nutrientes.

A condição geral das lavouras é considerada regular, embora a expectativa de produtividade permaneça mantida. O baixo padrão de investimento limita a adoção de manejos fitossanitários mais intensivos, realizados principalmente pelos produtores com maior nível tecnológico. Há relatos de incidência considerável de ferrugem, enquanto não foram registrados danos expressivos relacionados a pragas.

De forma geral, a safra de aveia apresenta perspectiva de produtividade variável entre as regiões, com resultados de campo já indicando reduções em algumas áreas, especialmente onde houve menor investimento e maior exposição às condições climáticas adversas.

A qualidade dos grãos também merece atenção, particularmente em razão dos resultados abaixo do esperado observados nas primeiras áreas colhidas. A ocorrência de geadas, granizo e doenças ainda podem provocar perdas localizadas, principalmente nas lavouras que permaneceram por mais tempo em estádios reprodutivos. Por outro lado, os períodos de maior luminosidade e menor precipitações observadas em setembro contribuíram para melhorar temporariamente as condições de desenvolvimento.

Paraná: as chuvas constantes e o tempo abafado mantiveram o solo encharcado e atrasaram os trabalhos de colheita no estado, expondo os grãos maduros ao ataque de fungos no campo, o que causou o escurecimento das sementes, perda de qualidade e produtividade abaixo do esperado. Como



consequência, a oferta de grãos com padrão para a indústria de alimentação humana encolheu significativamente, levando o direcionamento de maior parte da safra para a produção de ração animal.

Os trabalhos de colheita atingiram 50% da área estimada no estado, com a área em campo distribuída em 1% em floração, 14% em frutificação/enchimento de grãos e 35% em maturação, sendo a condição sanitária avaliada em 82% boa, 17% regular e 1% ruim. O excesso de umidade travou a colheita e favoreceu a incidência de fungos, provocando o escurecimento das sementes e reduzindo a produtividade esperada.

Como reflexo desses prejuízos qualitativos, a oferta de grãos dentro dos parâmetros exigidos pela indústria de alimentos encolheu, forçando o redirecionamento de parcela expressiva da safra para a fabricação de ração animal.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,70	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense	2,31	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Norte Central Paranaense	2,99	S/E	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	1,18	S/E	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,34	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
PR	Sudoeste Paranaense	2,32	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	2,90	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudeste Paranaense	2,80		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	



Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

RS	Noroeste Rio-grandense	56,41	SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	C
	Nordeste Rio-grandense	7,40		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,79	SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,72	SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	2,78	SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	1,53	SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: a área de canola no estado para a safra 2026 consolidou-se em 385 mil hectares, 5,1% maior em relação à estimativa anterior, de 366,3 mil hectares. A produtividade média estimada é de 1.566 kg/ha, o que representa uma redução de 3,4% em relação à projeção anterior, de 1.619 kg/ha.

A combinação da ocorrência de geadas, precipitações intensas e volumosas, granizo, baixa radiação solar e incidência de doenças impactaram negativamente o potencial produtivo das lavouras em diferentes intensidades e regiões.

Em termos de desenvolvimento fenológico, 10% das lavouras estão em florescimento, 62% em enchimento de grãos e 24% em maturação. A colheita iniciou de forma pontual, representando apenas 4% da área cultivada. O estado fitossanitário geral é considerado satisfatório, com o encerramento dos tratamentos nas lavouras que avançam para a fase final do ciclo, embora



a expansão do cultivo traga expectativas de aumento de pragas e doenças.

As adversidades agroclimáticas de setembro ocasionaram heterogeneidade no desenvolvimento e maturação das lavouras. Nas lavouras mais adiantadas, que estão em fase de maturação, a desuniformidade das estruturas reprodutivas vêm motivando a aplicação de herbicidas para dessecação e uniformização da maturação, de modo a facilitar a colheita.

A ocorrência de chuvas no período que antecede a colheita preocupa os produtores, devido ao risco de potencializar a deiscência natural das síliquas, a elevação da umidade e perda de qualidade dos grãos. Observa-se que o desempenho das lavouras está associado ao nível de investimento e à época de semeadura. A semeadura antecipada e o menor investimento têm resultado em produtividades menores. Os danos decorrentes de eventos climáticos extremos mostraram-se variáveis entre as localidades. Em algumas, há impacto direto no rendimento, refletidos no menor número de grãos por síliqua e na redução do peso de mil grãos.

Na última semana de setembro, uma frente de instabilidade entrou no estado pelo norte da Argentina, atingindo a região da Campanha, Depressão Central e o Planalto Médio, causando grandes prejuízos. Nessas regiões, nas lavouras em enchimento de grãos e maturação, houve severos danos nas estruturas reprodutivas e debulha de síliquas, com perdas de até 80% de produtividade.

Adicionalmente, as geadas registradas ao longo do mês atingiram áreas no estágio reprodutivo, resultando em abortamento de flores e menor viabilidade de grãos. Na região Noroeste, a colheita deve ganhar ritmo à medida que as condições meteorológicas permitirem. As primeiras áreas colhidas apresentaram rendimentos abaixo das expectativas iniciais, relacionados à concentração de síliquas no terço superior e peso de grãos



menor do que o normalmente observado.

A soma desses fatores tende a concretizar as perdas, sinalizando reajustes negativos de produtividade nos próximos levantamentos. No Planalto Superior, região com semeadura mais tardia, o estabelecimento das lavouras foi adequado, com perdas pontuais de plantas por geadas precoces e chuvas intensas logo após a semeadura. A combinação dessas precipitações, com frio e a escassez de radiação solar, pode ter limitado o desenvolvimento e o potencial produtivo de algumas lavouras na região.

Paraná: as instabilidades climáticas e a elevada umidade registradas durante setembro sobre as regiões produtoras impactaram diretamente a fase final de desenvolvimento e o ritmo das operações de campo da canola.

Nas lavouras maduras e em colheita, a frequência de chuvas reduziu a janela de trabalho das máquinas e elevou o risco de debulha natural no campo (fragilidade característica das vagens da canola), além de favorecer perdas na qualidade fisiológica e no teor de óleo dos grãos.

Já nas áreas remanescentes em frutificação, a umidade constante e a menor radiação solar desaceleraram a secagem natural das plantas. Com 42% da área já colhida e a parcela restante dividida entre 13% em frutificação e 45% em maturação, o reflexo do clima de setembro consolida uma safra com oscilações no rendimento final de grãos e exige maior atenção das indústrias no recebimento e secagem do produto.

No cenário de comercialização, a menor qualidade fisiológica e as variações no teor de óleo geraram desafios no recebimento industrial, exigindo maior custo com secagem e triagem dos lotes; ainda assim, a demanda por biocombustíveis e pela indústria de óleos alimentícios manteve a liquidez



das vendas e o fluxo de escoamento da safra paranaense.

CENTEIO

Paraná: as chuvas recentes e a maior umidade no campo desaceleraram o ritmo das máquinas no estado, mas a colheita do centeio avançou para 2% da área total estimada.

Do restante das lavouras que permanecem em campo, 14% estão em floração, 60% em frutificação/enchimento de grãos e 24% em maturação. O clima adverso ao longo do desenvolvimento tende a reduzir a produtividade nessa safra.

No mercado, o fluxo de comercialização segue estável, sustentado pela demanda contínua das indústrias de moagem para panificação especial e farinhas, além do uso de parte dos grãos para ração animal e cobertura de solo.

CEVADA

Rio Grande do Sul: as lavouras continuam apresentando boas condições fitossanitárias e mantém o potencial de produtividade esperado inicialmente. O alto volume de chuvas e os dias consecutivos de baixa luminosidade e alta umidade relativa do ar, além de grandes alterações das temperaturas, exigiram intervenções dos produtores para o controle das doenças, aumentando os custos de produção, mas as operações propiciaram a manutenção da sanidade e do potencial produtivo das lavouras. As aplicações de fertilizantes nitrogenados foram finalizadas, e os produtores



concentram seus esforços no manejo fitossanitário.

Não foram relatados danos severos decorrentes dos eventos de geada que ocorreu ao longo do ciclo da cultura até o momento. Em setembro, as lavouras de algumas regiões iniciaram o florescimento e enchimento de grãos, mas representam pequena parcela da área total cultivada. A estimativa é de que 14% das áreas esteja no enchimento de grãos e 29% em florescimento. As demais áreas (57%) continuam no desenvolvimento vegetativo, por serem cultivadas nas regiões mais frias do estado. A implantação das lavouras atrasou em razão das chuvas torrenciais ocorridas a partir da segunda quinzena de julho, sem prejuízos à estimativa de produtividade das lavouras.

Paraná: o desenvolvimento das lavouras de cevada no estado transcorreu sob a influência do regime de chuvas frequentes e da alta umidade nas regiões produtoras, fatores que exigiram atenção no manejo fitossanitário para o controle preventivo de doenças fúngicas e monitoramento quanto ao risco de acamamento provocado pelos ventos.

Em termos de distribuição das fases fenológicas, as lavouras apresentam a seguinte configuração: 1,5% em desenvolvimento vegetativo, 20,1% em floração, 49,3% em enchimento de grãos, 21,5% em maturação e 7,6% já colhidos, refletindo o avanço progressivo da safra. Com base nas condições climáticas e no acompanhamento técnico da cultura, a condição geral das lavouras é estimada em 25% em situação regular e 75% em boa situação.

As cotações vigentes no mercado atacadista paranaense refletem o padrão de qualidade exigido pelas maltarias e indústrias cervejeiras, principais compradoras do cereal. A comercialização antecipada da nova safra atinge 20% da produção prevista, impulsionada pelos contratos de fomento firmados com o setor industrial, que buscam garantir matéria-prima com especificações rigorosas e menor exposição às oscilações de preço do



trigo. Os negócios avançam de maneira cadenciada, com os produtores negociando os lotes conforme o ritmo de colheita e os parâmetros de classificação estabelecidos.

TRITICALE

Rio Grande do Sul: após a conclusão da semeadura, os produtores focam suas atividades nos manejos da cultura. A aplicação de fertilizantes nitrogenados e o controle das plantas competidoras já foram finalizados.

Maio, junho e a primeira quinzena de julho registraram temperaturas inferiores à normal climatológica, condição que limitou o desenvolvimento vegetativo, mas favoreceu o perfilhamento e sanidade das plantas. A partir da segunda quinzena de julho ocorreram eventos de chuvas volumosas e dias consecutivos de baixa luminosidade e alta umidade relativa do ar, causando preocupação entre os produtores da cultura, especialmente quanto à eficiência do fertilizante nitrogenado aplicado e à entrada das máquinas nas lavouras para a realização dos manejos.

O foco em setembro foi para controle das pragas e doenças. Tendo em vista a maior rusticidade da cultura, os produtores realizam o monitoramento das áreas e avaliações sobre a necessidade de novas aplicações, mas em razão das chuvas recorrentes acabam tendo que realizá-las.

A semeadura da cultura ocorreu em 10% da área em maio e nos 90% restantes em junho. No momento da realização deste levantamento, as lavouras estavam 4% em maturação, 58% em enchimento de grãos 31% em florescimento e 7% em desenvolvimento vegetativo.



De forma geral, a condição das lavouras é considerada satisfatória diante do menor aporte de recursos para o cultivo. Os produtores se preparam para realizar a colheita nas pequenas janelas entre as chuvas previstas para os próximos meses.

Paraná: o desenvolvimento das lavouras de triticale enfrentou um cenário climático desfavorável, marcado por chuvas frequentes, excesso de umidade e ventos fortes, que impactaram o ritmo dos trabalhos de campo e elevaram a preocupação com o acamamento das plantas.

Em termos de distribuição das fases fenológicas, as lavouras apresentam a seguinte configuração: 2,4% em desenvolvimento vegetativo, 27,8% em floração, 43,8% em enchimento de grãos, 14,7% em maturação e 11,3% já colhidos, refletindo o avanço constante da safra. Por se tratar de uma cultura secundária no sistema produtivo, caracterizada pelo baixo valor de mercado e pelo uso predominantemente interno na própria fazenda para a alimentação animal, os tratos culturais e o manejo fitossanitário costumam receber menor nível de intensidade e investimento por parte dos produtores.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



APÊNDICE VAZIO SANITÁRIO

VAZIO SANITÁRIO

O vazio sanitário é, em termos agronômicos, o período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Nele, apenas áreas de pesquisa científica e de produção de sementes, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com o objetivo específico para cada cultura e visa manter a sanidade das lavouras, permitindo o alcance máximo do potencial produtivo da planta, mitigando a possibilidade de manter propágulos de patógenos viáveis no campo por meio de hospedeiros temporários.

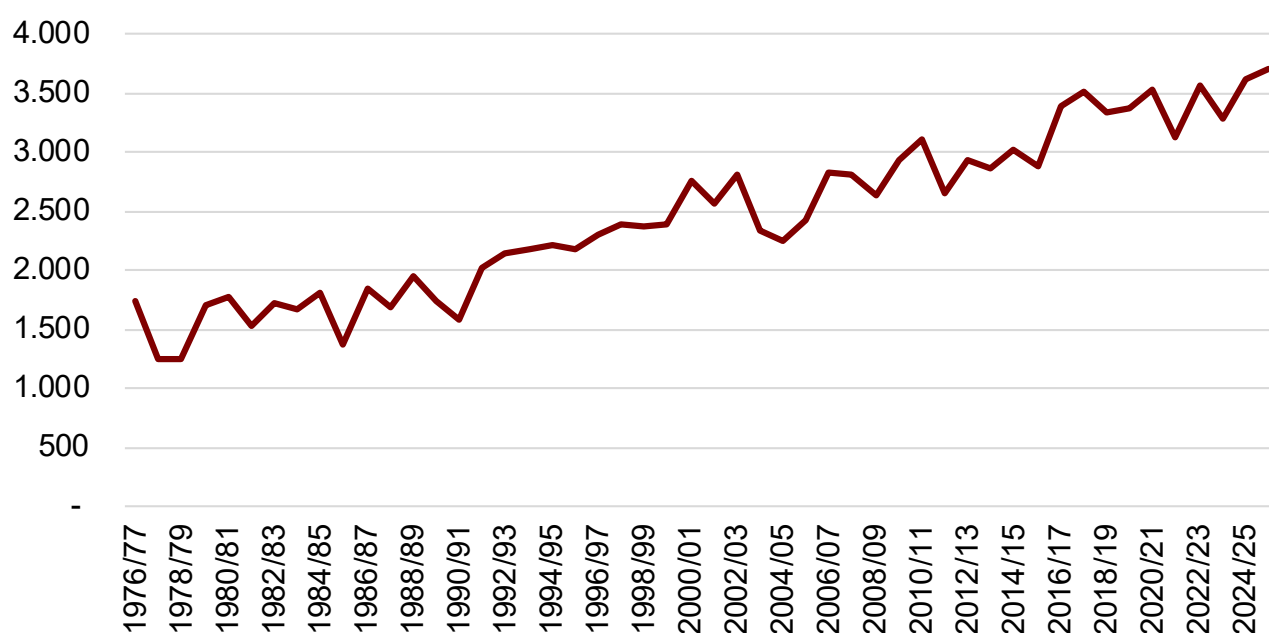
Na produção brasileira de grãos, algumas culturas dispõem de um calendário agrícola que inclui o mecanismo do vazio sanitário como método de controle para eventuais pragas e doenças que podem se manter vivas no campo durante a entressafra e, posteriormente, trazer danos econômicos consideráveis na safra propriamente dita.

Um exemplo disso é a incidência de ferrugem asiática na soja, doença muito prejudicial à cultura no país. O primeiro relato de ferrugem asiática da soja



no Brasil aconteceu em 2001, e coincidiu justamente com um período de decréscimo da produtividade média brasileira para a cultura. Observa-se que a partir da safra 2001/2, a primeira safra após o aparecimento da doença no país, houve redução nesse rendimento médio, acentuando-se na safra 2004/5 e voltando ao normal apenas na safra 2006/7. É importante destacar que a partir de 2006 foi implantado o vazio sanitário em Goiás e em Mato Grosso, podendo explicar a recuperação da produtividade a patamares já alcançados.

GRÁFICO 3 - SÉRIE HISTÓRICA DA PRODUTIVIDADE DE SOJA



Fonte: Conab.

O agente causal dessa doença, o fungo (*Phakopsora pachyrhizi*) necessita de um hospedeiro vivo para completar seu ciclo e, além disso, conta com uma boa viabilidade de suas estruturas reprodutivas (esporos) no campo, quando as condições são favoráveis a sua manutenção e seu desenvolvimento. Algumas pesquisas mencionam que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas, soja tiguera ou guaxa, é de 55 dias.



Portanto, mantendo-se um período mínimo de 60 dias, podendo alcançar até 90 dias, de vazio sanitário, o sojicultor diminui a possibilidade de incidência precoce da doença, mas não resolve por completo os problemas causados pelo fungo.

Atualmente, produtores de 21 estados, além do Distrito Federal, que cultivam soja adotam o período do vazio sanitário regulamentado por suas agências locais de controle fitossanitário, são eles: Roraima, Rondônia, Pará, Amapá, Acre, Amazonas, Tocantins, Maranhão, Piauí, Bahia, Alagoas, Ceará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nos demais estados não há regulamentação específica para adoção de vazio sanitário.

QUADRO 12 - PERÍODO DE VAZIO SANITÁRIO PARA A SOJA

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		DEZ		Início	Fim
	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz		
RR															19/12	18/03
RO															10/06	10/09
AC															22/06	20/09
AM															10/06	10/09
AP															01/12	28/02
PA/Região I															15/06	15/09
PA/Região II															01/08	31/10
PA/Região III															15/08	15/11
TO															01/07	30/09
MA/Região I															03/07	30/09
MA/Região II															03/08	31/10
MA/Região III															02/09	30/11
PI/Região I															01/09	30/11
PI/Região II															01/08	31/10
PI/Região III															01/07	29/09
CE															03/11	31/01
AL															10/01	01/04
BA/Região I															26/06	07/10
BA/Região II															14/06	14/09
BA/Região III															14/12	14/03
BA/Região IV															01/08	31/10
MT															08/06	06/09
MS															15/06	15/09

Continua



UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		DEZ		Início	Fim
	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz		
GO															27/06	24/09
DF															01/07	30/09
MG															01/07	30/09
SP/Região I															01/06	31/08
SP/Região II															12/06	12/09
SP/Região III															15/06	15/09
PR/Região I															21/06	19/09
PR/Região II															02/06	31/08
PR/Região III															22/06	20/09
SC/Região I															04/07	12/10
SC/Região II															13/06	21/09
RJ															15/06	28/09
RS															03/07	30/09

Legenda: qz = quinzena

Fonte: Conab e Portaria SDA/Mapa nº 1.579, de 9 de abril de 2026.

Além da soja, outras culturas também adotam o vazio sanitário como medida de controle preventivo, tal como o algodão, com o objetivo principal de inviabilizar a persistência e o desenvolvimento de uma das principais pragas da cultura, que é o bicudo do algodoeiro (*Anthonomus grandis*), na lavoura, visando proteger a produção, evitando danos econômicos. Considerada a praga chave para a cotonicultura, o bicudo tem grande capacidade destrutiva e boahabilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela foi, por exemplo, responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para a Região Centro-Oeste. No início da década de 1990 esse estado era o maior produtor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto em Mato Grosso, por exemplo, plantava-se cerca de 30 mil hectares. Juntamente com esses dois estados, Mato Grosso e Paraná, o vazio sanitário para o algodão também está estabelecido nas seguintes Unidades Federativas regulamentadas por suas respectivas secretarias de controle fitossanitário: Bahia, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Piauí e Ceará.



QUADRO 13 - PERÍODO DE VAZIO SANITÁRIO PARA O ALGODÃO

UF	JUN		JUL		AGO			SET			OUT			NOV			DEZ			JAN		Início	Fim
	2ª dc	3ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc		
BA - Região I (Oeste)																						20/09	20/11
BA - Região II (Sudoeste)																						01/09	30/10
MA - Região I																						01/10	30/11
MA - Região II																						01/11	30/12
MT - Região I																						01/10	30/11
MT - Região II																						15/10	14/12
MS - Região I																						15/09	30/11
MS - Região II																						30/08	15/11
MS - Região III																						15/07	30/09
GO - Região 1																						15/09	25/11
GO - Região 2																						20/09	30/11
GO - Região 3																						10/09	19/11
GO - Região 4																						10/11	20/01
TO																						21/09	10/12
MG																						20/09	20/11
SP - Região I																						01/08	30/09
SP - Região II																						10/09	10/11
PR																						01/08	30/09
PI - Região I																						01/10	30/11
PI - Região II																						20/09	20/11
CE																						15/10	31/12

Legenda: dc = decêndio

Fonte: Conab.

Para o feijão, o vazio sanitário tem como objetivo o controle da mosca-branca (*Bemisia tabaci*) e diminuir a quantidade de alimento para esse inseto, considerado uma das pragas mais prejudiciais para os produtores dessa cultura. A eliminação de plantas vivas nesse período evita que o inseto se mantenha ativo e provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da sucção da seiva da planta. Nesta safra, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão.



QUADRO 14 - PERÍODO DE VAZIO SANITÁRIO PARA O FEIJÃO

UF	AGO			SET			OUT			NOV			Início	Fim
	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc		
GO														
DF													20/09	20/11
MG														

Legenda: dc = decêndio

Fonte: Conab e Portaria SDA/Mapa nº 1.107, de 8 de maio de 2024.

O descumprimento de qualquer vazio sanitário acarreta multa ao produtor, interdição da propriedade e destruição do plantio. É de responsabilidade do produtor, proprietário, arrendatário ou ocupante das propriedades produtoras de soja, algodão e/ou feijão, a eliminação das plantas durante o período do vazio sanitário, bem como a destruição de todos os restos culturais ou soqueira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO APÊNDICE

MEYER, M. C. Relato da ferrugem asiática da soja no Maranhão e Piauí, na safra 2006/7. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FERRUGEM ASIÁTICA DA SOJA, X., 2007, Londrina. Anais... Londrina: EMBRAPA Soja.

FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná. Paraná implanta vazio sanitário da soja pela primeira vez. Boletim Informativo, n. 1.008, Curitiba: junho de 2008.

PORTARIA SDA/MAPA nº 1.579/2026 – VAZIO SANITÁRIO DA SOJA.

PORTARIA SEAGRI/DF Nº 32, DE 28/5/2014 – VAZIO SANITÁRIO DO FEIJÃO.

PORTARIA SDA 781, DE 6/4/2014 – VAZIO SANITÁRIO DA SOJA NO DISTRITO FEDERAL.

PORTARIA SDA/MAPA Nº 1.111, DE 13 DE MAIO DE 2024.



Resolução SAA/SP N° 45, de 17 de maio de 2022 – VAZIO SANITÁRIO DO ALGODÃO.

Portaria da Adagri/CE n° 022/2020, de 27/2/2020 - VAZIO SANITÁRIO DO ALGODÃO.

Portaria Adab/BA n° 201/2019 + Portaria Adab/BA n° 079/2022 (adendo) + adendo Adab, de 15 de setembro de 2023, antecipando o início do vazio sanitário do algodão para 10 de setembro de 2023 até 10 de novembro de 2023.

Instrução Normativa Conjunta SEDEC/INDEA-MT n° 001/2016 (estabelece vazio sanitário do algodão em MT).

Resolução Conjunta Sepaf/Iagro-MS, de março de 2021, divulgada no Diário Oficial em 11/3/2021, atualizando a resolução n° 001/2015, de 2 de setembro de 2015, que estabelece período de vazio sanitário em Mato Grosso do Sul.

Instrução Normativa AGRODEFESA/GO n° 04/2019 (vazio sanitário algodão).

Instrução Normativa ADAPEC/TO n° 5, de 1° de abril de 2019 (vazio sanitário algodão).

Portaria IMA/MG n° 1884/2018 de 23/11/2018 - VAZIO SANITÁRIO DO ALGODÃO.

Portaria IMA/MG n° 1537/2015, de 1/9/2015 - VAZIO SANITÁRIO DO FEIJÃO.

Portaria ADAPAR/PR N° 200/2019, DE 22/7/2019 - VAZIO SANITÁRIO DO ALGODÃO.

PORTARIA SDA/MAPA N° 1.107, DE 8 DE MAIO DE 2024.

